



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JOICE SANTOS MOREIRA RODRIGUES

**CONTRIBUIÇÕES DOS ENSINAMENTOS CRISTÃOS E EDUCAÇÃO
FREIREANA À PRÁTICA DOCENTE: Olhares dos acadêmicos de
Pedagogia da Faculdade de Itaituba-PA**

ITAITUBA – PA

2020

JOICE SANTOS MOREIRA RODRIGUES

**CONTRIBUIÇÕES DOS ENSINAMENTOS CRISTÃOS E EDUCAÇÃO
FREIREANA À PRÁTICA DOCENTE: Olhares dos acadêmicos de
Pedagogia da Faculdade de Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de
Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do
título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora:
Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

ITAITUBA – PA

2020

RODRIGUES, Joice Santos Moreira.

CONTRIBUIÇÕES DOS ENSINAMENTOS CRISTÃOS E EDUCAÇÃO FREIREANA À PRÁTICA DOCENTE: Olhares dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-PA / JOICE SANTOS MOREIRA RODRIGUES - Itaituba: CLPP da FAI, 2020.

85 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2020.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

1. Paulo Freire e Jesus Cristo. 2. Prática docente. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2020.

JOICE SANTOS MOREIRA RODRIGUES

**CONTRIBUIÇÕES DOS ENSINAMENTOS CRISTÃOS E EDUCAÇÃO
FREIREANA À PRÁTICA DOCENTE: Olhares dos acadêmicos de
Pedagogia da Faculdade de Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

Avaliadora 1: _____ Nota: _____
Profª Lúcia Maria Costa Cruz, Esp.

Avaliadora 2: _____ Nota: _____
Profª Antonia Vanda dos Santos Leite, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 14 de março de 2020.

Dedico este trabalho as minhas filhas, Lauanda e Sharlisie, que deu o incentivo inicial na realização deste sonho; ao meu esposo, Eronilson, por ser um companheiro em todos os momentos, as minhas amigas Nalyane Leite e Elina Renilde, por toda ajuda possível na conclusão desta TCC e a minha mãe, Rosenilde Borges, pelo suporte, motivação e valores dedicados por toda minha vida.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por me dá essa oportunidade, sabedoria e força nos momentos importantes, e por ser meu alimento espiritual em toda minha caminhada. Por permitir que durante esses quatro anos permanecesse fiel aos meus princípios e convicções.

As minhas filhas **Lauanda Moreira Rocha** e **Sharlisie Santos Rodrigues** pelo apoio, incentivo e compreender os tempos de ausência para que chegasse a até esse momento.

Ao meu esposo, **Eronilson Santos Rodrigues**; A minha mãe, **Rosenilde Borges dos Santos**; as minhas cunhadas, **Eronilta Santos Rodrigues**, **Eronilde Santos Rodrigues**, **Erotildes Santos Rodrigues**; a minha sogra, **Raimunda Santos Rodrigues**, pelo apoio necessário nessa caminhada.

Às amigas da turma, **Nalyane Leite Ramos** e **Joice Kamielle Alves Portugal**, por esses quatro anos de parceria na realização de projetos, trabalho, estágios e pela amizade sincera estabelecida.

Aos professores da Faculdade de Itaituba, por respeitarem e possibilitassem que eu cursasse as disciplinas sem que transgredisse minhas crenças e convicções religiosas. Grata pela solicitude e solidariedade.

A minha Professora e orientadora, Mestra **Elina Renilde de Oliveira Ribeiro**, pela paciência e incentivo, uma pessoa que admiro e espero ter sempre como amiga e conselheira.

A todos os que contribuíram para esta pesquisa, meus colegas de curso e futuros parceiros de profissão.

Os mestres fascinantes podem ser desprezados e ameaçados, mas sua força é imbatível. São incendiários que inflamam a sociedade com o calor da sua inteligência, compaixão e singeleza. São fascinantes porque são livres, são livres porque pensam, pensam porque amam solenemente a vida (CURY, 2003, p. 79).

RESUMO

O presente estudo analisou as contribuições dos ensinamentos cristãos e da educação freireana na prática pedagógica dos professores da educação básica, no sentido de reconhecer a influência da forma de ensinar de Paulo Freire e de Jesus Cristo na ação docente atual. As estratégias metodológicas adotadas por Paulo Freire e Jesus Cristo em seus ensinamentos, tendo em vista que foram mestres em educação, impactaram com suas destrezas, sabedoria e ousadia em épocas conflituosas em que ambos viveram. Consideravam o indivíduo como parte principal do processo ensino-aprendizagem permitindo e possibilitando que o educando fosse construtor de seu próprio conhecimento. Para a construção deste trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, assim como vida e obra de Jesus Cristo e Paulo Freire, e em outro momento realizado uma pesquisa de cunho qualitativo para verificar a importância e relevância do tema para os acadêmicos do curso de pedagogia da Faculdade de Itaituba, no qual foi utilizado um questionário com perguntas objetivas e subjetivas. Foi possível notar similaridade entre ambos educadores, em que frisam a educação é o meio pelo qual os educados se libertam e se tornam livres, críticos, autônomos e independentes. Além disso, privilegiam o saber empírico de cada ser e exploram por meio de questionamentos e situações-problemas na tentativa de estimular/estabelecer a arte de pensar no seu público. Para uma educação de qualidade e significativa argumentam sobre o ensino humanizado e participativo onde o docente se torna o mediador e facilitador do conhecimento.

Palavras-Chaves: Prática docente. Paulo Freire. Jesus Cristo. Educação humanizada.

ABSTRACT

The present study analyzed the contributions of Christian teachings and Freire's education in the pedagogical practice of basic education teachers, in order to recognize the influence of Paulo Freire's and Jesus Christ's way of teaching in current teaching action. The methodological strategies adopted by Paulo Freire and Jesus Christ in their teachings, bearing in mind that they were masters in education, impacted with their skills, wisdom and boldness in conflicting times in which both lived. They considered the individual as the main part of the teaching-learning process, allowing and enabling the student to build his own knowledge. For the construction of this work, a bibliographic research was made on the theme, as well as the life and work of Jesus Christ and Paulo Freire, and at another time a qualitative research was carried out to verify the importance and relevance of the theme for the academics of the pedagogy of the Faculty of Itaituba, in which a questionnaire was used with objective and subjective questions. It was possible to notice a similarity between both educators, in which they stress education is the means by which the educated are freed and become free, critical, autonomous and independent. In addition, they privilege the empirical knowledge of each being and explore through questioning and problem situations in an attempt to stimulate / establish the art of thinking about their audience. For quality and meaningful education, they argue about humanized and participatory teaching where the teacher becomes the mediator and facilitator of knowledge.

Keywords: Teaching practice. Paulo Freire. Jesus Christ. Humanized education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Faixa etária dos sujeitos da pesquisa.....	59
Gráfico 2. Qual sua religião?	60
Gráfico 3. Maiores desafios como futuro pedagogo.....	62
Gráfico 4. Diferenças entre prática docente atual com a antiga.....	64
Gráfico 5. As disciplinas contemplaram as propostas de pedagógica de Paulo Freire?	65
Gráfico 6. Os estágios possibilitaram conhecimento de diversas metodologias?.....	67
Gráfico 7. Proposta de Paulo Freire no período de estágio.....	69
Gráfico 8. Sente-se preparado para o exercício da profissão?	70
Gráfico 9. Contribuição de Jesus Cristo para prática docente.....	72
Gráfico 10. Contribuição de Paulo Freire para a prática docente.....	74
Gráfico 11. Influência da Pedagogia de Paulo Freire na educação básica.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 DESAFIOS DA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE NO SÉCULO XXI	12
1.1 A FORMAÇÃO DOCENTE NA LITERATURA.....	12
1.1.1 Conceituação.....	12
1.1.2 Legislação	15
1.2 DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE	19
1.2.1 Relação professor e aluno.....	19
1.2.2 Ressignificando o papel do professor no contexto midiático	23
1.3 O <i>STRESS</i> DOCENTE E A FORMAÇÃO CONTINUADA	25
1.3.1 Síndrome de <i>Burnout</i>	25
1.3.2 O <i>Stress</i> Ocupacional e a formação continuada	28
2 JESUS CRISTO E PAULO FREIRE: QUAIS CONTRIBUIÇÕES À PRÁTICA EDUCATIVA?	32
2.1 POR QUE JESUS CRISTO?.....	32
2.1.1 História.....	32
2.1.2 Legado à prática educativa	36
2.2 POR QUE PAULO FREIRE?.....	42
2.2.1 História.....	42
2.2.2 Legado à prática educativa	46
2.3 PRÁTICA DOCENTE TRANSFORMADORA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO HUMANIZADA	51
3 CONTRIBUIÇÕES DOS ENSINAMENTOS CRISTÃOS E EDUCAÇÃO FREIREANA À PRÁTICA DOCENTE: OLHARES DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ITAITUBA-PA	58
3.1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	58
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FAI.....	60
3.3 OLHARES DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA	62
3.4 SUGESTÕES.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE	84

INTRODUÇÃO

Em tempos contemporâneos regidos pela tecnologia em massa faz-se necessário repensar o fazer pedagógico, como métodos e didáticas simples, porém eficazes, que possam contribuir com o aprendizado e desenvolvimento do alunado. Educar é não simplesmente transmissão de conhecimento, mas proporcionar as novas gerações o rompimento com ideologias obsoletas que enfraquece o convívio social. Cabe ressaltar que para cada grupo pode haver uma tendência pedagógica que melhor se adapta, independente de qual seja deve levar o aluno a ser um homem livre, autônomo, crítico e responsável permitindo sua emancipação.

Mesmo em tempos inovadores e no qual espera-se que a educação brasileira siga o mesmo destino, o que se percebe é que predomina nos espaços escolares uma educação tradicional arbitrária, sendo o professor o detentor do conhecimento e o aluno apenas expectador, pois não são levados em consideração o dinamismo que deve ocorrer entre professor-aluno, o que oportunizando a ambos conhecimentos mútuos. A violência, indisciplina, *bullying* e falta de respeito pelos professores são desafios que precisam ser vencidos ou remediados. A vista disso, o papel do educador em meio ao caos deve ser uma ação mediadora e influenciadora para prática do bem a si e para o próximo, onde o aluno tenha prazer em estar no ambiente escolar.

Assim este estudo teve por objetivo analisar as contribuições dos ensinamentos cristãos e educação freireana na prática pedagógica dos professores da educação básica, no sentido de reconhecer a influência da forma de ensinar de Paulo Freire e de Jesus Cristo na ação docente atual. Diante dessa realidade, os professores podem observar os ensinamentos freireanos e cristãos para enriquecer suas práticas, atribuindo assim numa inovação na escolarização. De fato, fugir do tradicional e imergir no novo despertará mais interesse e disponibilidade do aluno em aprender.

Assim, com a finalidade de aprofundar o estudo sobre essa problemática, este trabalho se direcionou nas seguintes questões: Que desafios se apresentam ao futuro pedagogo na atualidade? A Pedagogia de Paulo Freire tem influência na prática pedagógica do professor da educação básica? Qual a contribuição da ação pedagógica de Jesus Cristo na prática docente atual? Que analogias podem existir na forma de ensinar de Paulo Freire e de Jesus Cristo?

O processo de averiguação desse estudo ocorreu em dois momentos. Primeiramente, apresenta-se um procedimento técnico com a pesquisa bibliográfica, que foi realizado por meio de levantamento em diversos autores nos quais consta Aranha (2006), Brasil (2018), Cury (2012), Dullo (2014), Fernandes (2001), Scocuglia (1999), Strieder (2004), Tardif (2007) e Freire (2001). O segundo momento se dá por uma pesquisa qualitativa com a utilização de questionário que contém nove perguntas divididas em objetivas e subjetivas, com intuito de aferir o entendimento dos acadêmicos do curso de pedagogia da Faculdade de Itaituba em relação ao tema abordado.

Este trabalho está dividido em três capítulos, sendo que, no primeiro explana os desafios da formação e a prática docente para o século XXI. Aborda as diretrizes legais para a educação, como a BNC de formação docente, que defende a prática ligada intimamente à profissão, logo, é imprescindível que educador reflita sobre suas ações para averiguar se a metodologia utilizada está alcançando uma educação verdadeiramente efetiva na vida do aluno.

O segundo capítulo argumenta sobre Jesus Cristo e Paulo Freire, histórias, formas de ensinar, e quais as contribuições à prática educativa. É necessário questionar qual a relação existente entre processo educador de Jesus Cristo e de Paulo Freire, tendo em vista que se distanciam por tantos séculos, mas que há semelhanças em seus métodos pois ambos têm sentido provocador, partindo da vida para levar à vida.

E por fim, o terceiro capítulo retrata sobre as contribuições dos ensinamentos cristãos e educação freireana à prática docente com base nas concepções dos acadêmicos participantes da pesquisa.

1 DESAFIOS DA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE NO SÉCULO XXI

1.1 A FORMAÇÃO DOCENTE NA LITERATURA

A docência equivale a qualidade do ensino e de como é ensinado, abrangendo todos os aspectos do processo da escolarização, haja vista que ter domínio dos conteúdos pedagógicos não é o suficiente, mas, ter consciência de que para aplicá-la necessita de técnicas, bases e conhecimentos específicos acerca do seu fazer, tendo como objetivo provocar no alunado o interesse, atração, inquietações, dúvidas e desejo pelo conhecimento.

Desse modo, a construção dessa consciência deve permitir que o docente seja autônomo, pesquisador e crítico em suas ações. Além do que, “o reconhecimento da profissionalização na docência ocorre de forma gradativa, visto que depende de um esforço individual e ao mesmo tempo coletivo da classe dos professores” (SILVA; COSTA; ALBINO, 2013, p. 07).

1.1.1 Conceituação

A palavra “docente” tem origem do latim *docentis*, particípio presente do verbo *docere*, que significa “ensinar” de acordo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2000). Logo, cabe a responsabilidade àquele que está incumbido desta função de transmitir e de se fazer compreender os conceitos por ele ensinado. O processo de ensinar é muito complexo e contínuo o que despende de uma jornada árdua e compromissada para que se alcance o esperado, assim, o docente tem que ser cada vez mais objetivo e focado no desenvolvimento intelectual, cognitivo e social do educando.

O que é preciso não é exatamente esvaziar a lógica disciplinar dos programas de formação para ensino, mas pelo menos abrir um espaço maior para uma lógica de formação profissional que reconheça os alunos como sujeitos do conhecimento e não simplesmente como espíritos virgens aos quais nos limitamos a fornecer conhecimentos disciplinares e informações procedimentais, [...] (TARDIF, 2007, p. 242).

No contexto das ideias acima citadas, entende-se que, a formação dos professores deve abranger um leque de habilidades e competências que irá contribuir com a profissionalização do professor em sua prática, além do que, essa

formação deve privilegiar a preparação do professor no cotidiano escolar, devendo ter um vínculo com as vivências presenciadas na escola.

Assim sendo, fica evidente a necessidade de repensar um currículo que leve em consideração a formação problematizadora, promovendo um profissional crítico e ciente de suas ações frente à formação e transformação do ser humano. Para isso, a grade curricular das universidades ou órgãos formadores devem privilegiar a construção de saberes que priorizem numa ação conjunta, coerente e harmônica da teoria com a prática social. Sob esse viés, Tozetto (2009, p. 1046) compreende-se que, a “formação inicial e continuada tem que estabelecer pontes de relação teórico/prática”, tendo como foco a realidade presenciada em sala de aula.

Observa-se nos cursos de licenciaturas uma formação ainda bem distante das vivências no ambiente escolar, verifica-se que o recém-formado não está totalmente habilitado para ser inserido na escola, para que possa atender de forma completa e eficaz no exercício de sua função. Logo, deve-se repensar e reformular um currículo singular que favoreça o desenvolvimento do acadêmico para aquisição de sua “identidade pessoal-profissional, primando pelo objetivo da promoção da ‘reflexão’ e, preferencialmente, da reflexão ‘crítica’ de sua própria prática” (MARTINS; DUARTE, 2010, p. 22).

Nesse sentido, há necessidade de instruir o acadêmico em licenciatura como sujeito do conhecimento, adquirindo domínio de sala (não apenas conhecimento, mas também impor respeito diante de seu alunado), ser capaz de inovar e de se reinventar a cada instante, ora tendo como ciente que o seu papel é modelar e transformar cidadão para a sociedade. O destaque apontado à formação está estabelecido em princípios que focalizam

[...] a particularização da aprendizagem, a forma em detrimento do conteúdo, o local em detrimento universal, dentre outras, não é representativo daquilo que de fato deva ser a assunção dos elementos fundamentais requeridos a uma sólida formação de professores, no que se inclui, em especial, a apropriação do patrimônio intelectual da humanidade (MARTINS; DUARTE, 2010, p. 23).

Espera-se desse profissional um preparo que atenda os critérios pré-estabelecidos, com intuito de melhor suprir à sociedade, no quais sejam criativos, atualizados e resolvam problemas encontrados na execução de seu ofício. Em contrapartida, a formação desse mesmo profissional não o equipara para essa

função, deixando uma lacuna a ser preenchida durante sua formação e também na sua execução da profissão. Entender que academia deve possibilitar a superação da dicotomia entre teoria/prática e escola/vida no fazer pedagógico, inculcar na mente do acadêmico o relevante papel de agente histórico que tem a possibilidade de criar e recriar sua ação pedagógica.

Em tempos contemporâneos, o termo “professor” fica defasado tendo em vista que ele não é mais peça central e única da aquisição do conhecimento, onde apenas possuía o conhecimento necessário, não podendo ser questionado. Agora, entende-se o saber já é adquirido desde primeiras horas de vida do ser humano, seu primeiro contato já capta informações e sensações que o ajudam na busca por sua sobrevivência (FERNANDES, 2001). Assim, desde tenra, a criança no convívio com a família, já obtém ensinamentos e aprendizados que formaram o caráter desse indivíduo e a escola vem como a segunda família para esse ser, no intuito de complementar essa formação.

Entende-se que as interações sociais são importantes para o desenvolvimento do ser humano como também o meio que o cerca, todo o espaço de aprendizado deve permitir que isso ocorra, se deseja que o processo aconteça de maneira satisfatória. Assim, o fazer pedagógico terá sucesso quando conseguir reconfigurar o educando, como afirma Strieder (2004, p. 296):

Há, pois, fortes indícios de que um processo pedagógico terá sucesso e será significativo para os aprendentes se for capaz de produzir uma reconfiguração no sistema inteiro corpo/cérebro/mente/entorno. Não podemos mais conceber a aprendizagem como sistema aberto, no sentido de algo que se integra ou que passa a ser inserido ou internalizado.

A aprendizagem do educando não se presume na memorização ou internalização de fórmulas, conceitos, técnicas e métodos de aprendizagens, mas, colocá-lo como parte integrante do conhecimento que por consequência resultar em sua reestruturação, só assim, o saber terá significado e significância em sua vida.

Nesse sentido, Gusdorf (1995, p. 19) comenta que, a “aprendizagem de um saber é uma evocação do ser. O aluno, aquele que não sabe, é, no entanto, o sujeito e o objeto dessa vocação para o saber, que é também um apelo do ser”, no qual desenvolvimento intelectual é adquirido por situações-problemas, afirmações, limites, aventuras ou ocorrências singulares que lhes são expostos e, assim o ser evoca de sua consciência pessoal para o despertar ao “novo”, ao “desconhecido”.

Ao realizar a docência, o professor se depara com situações desafiadoras que coloca ao em enfrentamento tanto em dimensões internas, correspondente à teoria e prática que adotará em sala de aula, como também em dimensões externas, expressada pela reflexão do fazer pedagógico sobre o ser humano que pretende formar (a quem, para que e o que ensinar), tais dimensões sempre estarão na vida cotidiana do professor (GRILLO, 2002).

Logo, no ambiente escolar que se caracteriza pela multidiversidade e pluralidade cultural, o educador tem que levar em consideração as particularidades presentes em cada educando, o respeito ao diferente deve ser uma bandeira que baseie sua prática, sempre estimular o respeito mútuo e valorização humana. Além disso, a assimilação dos conceitos não é absorvida de igual forma, nem adquirida pela mesma técnica de ensino, assim, o educador deve ser reinventar em cada aula e também nos mais diversos conteúdos, o que torna uma tarefa árdua e cansativa.

Entretanto, percebe-se que não há mais preocupação que tipo de homem a escola pretende formar, e sim, que colaborador economicamente se tornará para a sociedade. Sociedade esta que se presume apenas crescer economicamente, do que formar seres intelectualmente livres, pensantes e capazes de iniciativas próprias.

Desta forma, a escola precisa ser uma instituição que se preocupe com a instrução integral (intelectual, social e emocional) do educando, privando sempre para um bom preparo de seus profissionais, com intuito de que todos possam contribuir com a formação humana.

Em todos os espaços, os atores da educação devem atuar de forma significativa para promover esse aprendizado, haja vista, que o público é diversificado e a cada instante um desafio deve ser superado. Programas de formação continuada precisam constantemente ser incentivado para que todos possam estar atualizados e preparados para executar sua função.

1.1.2 Legislação

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB Nº 9394/96) regulamenta todo sistema educacional do país público/particular, trazendo todas as normas que deve ser adotada nas esferas municipal, estadual e federal, além do que, apresenta diretrizes fundamentais para os diversos níveis de escolaridade.

Como menciona em seu artigo 2º, a educação é de responsabilidade conjunta da família com o estado, no qual ambos deve trabalhar simultaneamente para que o desenvolvimento ocorrer gradativamente, respaldado pelo princípio da liberdade e solidariedade humana, com objetivo de preparar o cidadão para o exercício da cidadania e qualificação para o mercado de trabalho (BRASIL, 1996).

Nessa perspectiva, a LDB 9394/96 discorre sobre garantia que o governo disponibiliza para seus confederados a oportunidade de uma educação de qualidade e acessível a todos, que possibilite a liberdade de expressão e criação, a partir de suas habilidades individuais, como se expressa no Artigo 3º:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
VII - valorização do profissional da educação escolar;
VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
IX - garantia de padrão de qualidade;
X - valorização da experiência extraescolar;
XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
XII - consideração com a diversidade étnico-racial.
XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.
(BRASIL, 1996).

Há deslumbre ao observar esses princípios expressos na citada Lei que fomenta a educação brasileira, mas, em contrapartida o que se vê na realidade, é o desenrolar da história no qual tem cenas críticas, deprimentes e ilógica que envergonha até os telespectadores. A partir desse prisma, há um longo caminho a ser traçado para que de fato se possa notar mudanças nesse cenário. O descaso e a omissão do poder público em oferecer uma educação de qualidade como também a valorização do professor é um disparate, pois verifica-se que as políticas públicas adotadas pelo governo não têm contribuído para diminuir essa distância da lei com realidade, logo, os direitos devem ser cumpridos e não somente expressos.

Considerando esse cenário da educação, compreende-se que, faz-se imprescindível aplicação de um currículo que atenda de maneira adequada o alunado, como bem fomenta no artigo 26 da LDB em que, os “currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base

nacional comum” (BRASIL, 1996) privilegiando a diversidade que compõe o país, respeitando os movimentos culturais regionais e locais manifestados mais das variadas formas.

À vista disso, cada regional tem uma cultural específica que a mesma deve ser acatada, a cultura de cada parte do país deve ser enaltecida para que esses registros e movimentos históricos não se percam, mas, que perpetue para descendências futuras.

Com intuito de oferecer um currículo que normatizasse o ensino, foi publicada a Base Nacional Comum Curricular – BNCC. É um documento que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2017). Assim, indica as ações pedagógicas que deve ser adotada pelo docente com a finalidade de desenvolvimento de (competências, habilidades, atitudes e valores) que deve ser desempenhado na vida cotidiana, mundo do trabalho e exercício da cidadania.

Na finalidade de qualificar os profissionais de educação, a LDB declara no art. 45 que, deverá ser ofertada pelas instituições de ensino superior, públicas ou privadas com intenção de proporcionar uma formação a título de níveis mundiais, com vistas a superar uma carência na educação brasileira que tem sofrido por índices bem diminutos em relação a outras nações. Logo, faz-se necessário à implementação de uma qualificação acadêmica que o instrua para o engajamento de competências e habilidades em sua plenitude para a formação do futuro docente.

Na tentativa de suprir essa exiguidade na educação, discussões calorosas tem se realizado nas instituições formadoras, em buscar de uma alternativa que venha atender essa necessidade. A partir disso, surge a proposta da Base Nacional Comum para Formação de Professores da Educação Básica (BNC), com calorosos debates no legislativo e entre as organizações que defendem uma educação com qualidade, contudo a passos lentos no legislativo. Esta proposta tem como objetivo abranger as áreas de formação inicial, continuada e progressão de carreira com intuito de melhorar qualidade de ensino oferecidos aos estudantes como também a valorização profissional.

A BNC – Formação de professores foi normatizada pela Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019. Determina as diretrizes às instituições educativas do nível superior para a formação docente promovendo o desenvolvimento do licenciando,

das competências gerais previstas de acordo com a BNCC, bem como das aprendizagens essenciais a serem garantidas aos estudantes, quanto aos aspectos intelectual, físico, cultural, social e emocional de sua formação, tendo como perspectiva a educação integral.

Vale ressaltar, que a BNC de Formação de Professores se baseia no tripé de eixos que norteia o fazer pedagógico: conhecimento, prática e engajamento, sendo que o primeiro eixo (conhecimento) está relacionado com os pilares da educação (aprender a conhecer, ser, fazer e viver), além disso, envolve o domínio do saber, do saber-fazer, de afeiçoar o estudante ao conhecimento, compreender a razão e as complexas formas de aprendizagem, assentir os diversos contextos em suas complexidades como também entender e aplicar o sistema educacional.

As três dimensões apresentadas são fundamentais para a compreensão desta proposta: conhecimento profissional, engajamento profissional e prática profissional, são consideradas essenciais na composição das competências profissionais dos professores. Apesar de graficamente estarem colocadas separadamente, não há, na ação pedagógica, a divisão entre essas três dimensões (BRASIL, 2018, p. 47).

Considerando esse aspecto, o eixo (prática) está ligado intimamente à profissão, logo, é imprescindível que educador reflita sobre suas ações para averiguar se a metodologia utilizada está alcançando uma educação verdadeiramente efetiva na vida do aluno. Dessa forma, essa nova proposta tende analisar se esse profissional é capaz de proporcionar um ambiente de trabalho que promova o desenvolvimento esperado, que tenha habilidade criativa e inovadora, capaz de avaliar aprendizagem e o ensino contemplando uma avaliação democrática e justa, ademais, propiciar meios e oportunidades para que o alunado seja apto em todas as esferas do conhecimento (YOSHIDA, 2018).

Entendendo que o aluno não chega à escola como uma “folha em branco”, mas, com um saber nato e adquirido no ambiente familiar, à escola cabe promover um aprendizado humanizado, respeitando o saber empírico do educando. Para tanto, o último eixo da BNC trata do conhecimento universal.

Para que isso ocorra, o professor deve se engajar, no qual propõe que o professor estimule a buscar pelo saber e na ideia de ser comprometido com sua qualificação profissional, estar aberto às novas formas de aprendizagens e metodologias, como também ser assíduo na elaboração de projetos pedagógicos

adotado pela instituição da qual faz parte. Sempre levando em conta o papel primordial que a família e comunidade têm na execução da escolarização do educando realizada em parceria com a escola.

1.2 DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE

1.2.1 Relação professor e aluno

No processo de formação inicial do professor há vislumbre e a expectativa de experimentar o cotidiano da escola e como se dará sua prática. Mas, ao adentrar nesse espaço nota-se a complexidade e desafios que deve enfrentar para que possa da melhor maneira possível exercer sua função.

Percebe-se que a escassez de recursos didáticos, muitas vezes, enfraquece o trabalho docente à medida que não permite uma aula com maior efetividade, com uma didática diferenciada. Desse modo, enfrenta-se então na realidade docente, o “desafio de educar para uma sociedade que não existe e o que mais se precisa é a capacidade de aprender e construir novos conhecimentos” (ENRICONE, 2002, p. 46).

Nessa perspectiva, são diversos os desafios encarados pelos professores em prática docente, vale ressaltar, que além das dificuldades enfrentadas pela falta de recursos didáticos, cabe ainda a desvalorização profissional que é uma consequência de rendimentos baixos em relação à importância da profissão em meio a sociedade, falta de infraestrutura que possibilite o professor o prazer de estar em sala de aula, além, do conforto que é diminuto.

Tudo isso reflete no desenvolvimento do educando, pois professores desestimulados não proporciona uma aula prazerosa aos seus alunos pelo fato de ter sua vida profissional como um pesar e, não alegria de ter a oportunidade de contribuir com a comunidade.

Sob esse viés, Tardif (2004, p. 243) argumenta que, a “desvalorização dos saberes dos professores pelas autoridades educacionais, escolares e universitários não é um problema epistemológico ou cognitivo, mas político”, que percorre desde primórdios da concretização da profissão. Para tal função, a pessoa deveria ter a virtude da vocação e obediência, por isso sua função não era valorizada pela sociedade, pelo fato de não haver um preparo, mas, nascer com um “dom”.

A partir do exposto, nota-se que essa realidade não mudou, a sociedade ainda tem essa visão de que essa profissão não tem muito a contribuir, mas, erroneamente tem essa interpretação distorcida, não percebendo que a formação do ser humano é uma das tarefas mais primorosa e imponente diante das demais profissões. Logo, se faz jus valorizar o educador em todos os aspectos para que tenha êxito na sua ação.

Alguns desses entraves citados, constituem-se em fatores determinantes para os altos índices de estresse presenciados na vida do educador, haja vista, que a rotina exaustiva de horas de trabalho dentro e fora do espaço escolar sobrecarregada à saúde física, psicológica e emocional, é refletida no espaço escolar. Deve-se levar em conta a pessoa que está por trás do profissional, há a necessidade das instituições escolares oferecer subsídios aos professores sobre questões morais por afrontamento de alunos.

É muito comum se observar casos de agressão física, psicológica e moral por parte de alunos à professores e medidas preventivas quanto a esse fato são poucas ou simplesmente não tem, por isso, se perder o valor da profissão quando nem mesmos os órgãos públicos não atribuem o devido valor.

Está cada vez mais difícil ser professor, em tempos que a convivência humana é tão delicada, talvez, causada pelo estresse provocado pela correria do dia a dia sobrecarregado de muita responsabilidade faz com que as pessoas estejam impacientes e agressivas, isso é sentido em sala de aula, uma geração desenfreada, movida à tecnologia, as informações são cada vez mais rápida e acessível provocando a Síndrome do Pensamento Acelerado - SPA (CURY, 2014).

Nesse prisma, identifica-se que, a qualidade ensino está relacionado com a autonomia construída, da liderança conquistada e pela responsabilidade assumida pelos integrantes (professor/aluno) na busca da promoção do crescimento intelectual, nesse íterim, a tomada de decisões é fator determinante para que esse processo aconteça, pois afetam todos os envolvidos, logo não pode ser decidida de forma negligenciada, mas responsável.

Os educadores necessitam refletir sobre os vínculos afetivos e sociais existentes em sala de aula e a ligação desse todo com o sistema de formação, pensando no amadurecimento futuro do aluno enquanto ser humano. Pois, por meio da educação o aluno pode conceber a apropriação do conhecimento (PEDROSA, 2015, p. 82).

Como exposto pela autora, o docente compreender a diversidade presente em sala de aula para que assim possa traçar planos e metas para desenvolver um trabalho que abrange a todos, tendo como propósito levar o educando alcançar a maturidade em compreender e respeitar o próximo e suas diferenças.

Ainda discorrendo sobre essa pauta, Menezes (2014) argumenta que numa relação de fala-escuta os envolvidos devem assumir uma posição de reciprocidade, no qual o que falar deseja ser ouvido e compreendido pelos demais e quem escuta quer ter a oportunidade de falar e expor suas ideias entendendo que ambos têm direitos iguais. Na sala de aula há necessidade de uma convivência democrática permitindo que ambos tenham seu espaço possibilitando aquisição da autonomia, dessa forma, a autora afirma que, “as situações pedagógicas qualificam a relação docente-discente, pois o diálogo implica ausência do autoritarismo e, ao mesmo tempo, modos de lidar com a tensão permanente entre a autoridade e a liberdade” (MENEZES, 2014, p. 53).

Em uma relação professor-aluno há reciprocidade de sentimentos como também de aprendizado, em nenhum momento ambos os lados saem vazios dessa convivência, e que precisa ser harmoniosa para que possa ter bons e valorosos frutos, tendo com ciência que cada um tem uma parcela determinante nesse processo, aceitando a diferença um do outro.

Conforme alude o educador Paulo Freire (1996, p. 12): “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender [...]”. Além disso, o autor apresenta a escola como parte fundamental na instrumentalização do conhecimento e que para isso requer de um aparato que possibilite o educador proporcionar uma educação emancipadora.

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível portanto que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la”. É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de achar e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso por outro lado e, sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor (FREIRE, 1996, p. 78).

Percebendo a família como a primeira instituição educadora da criança, logo, se faz necessário que quando a ela se inserir no espaço escolar, participe de forma ativa contribuindo com a escola em especial com o professor no processo de escolarização. Entretanto, o percebe-se atualmente, é a escola assumindo toda a responsabilidade na educação dos filhos, tal realidade apresenta déficit considerável no que se entende por uma formação ampla.

Essa ausência da família na escola ou mesmo na vida social do educando é sentida na sociedade, no qual é composta por pessoas frágeis emocionalmente, deprimidas, solitárias e sem perspectivas de futuro. Pois não foram nutridas a serem pessoas decididas e independentes, capazes de tomar suas próprias decisões.

A família, ao assumir seu papel na educação dos filhos em parceria com a escola promove a corresponsabilidade, a possibilidade de mudanças para atender aos desafios, de maneira que a perspectiva de integração deve ser incentivada e analisada constantemente. Uma parceria se concretiza entre família e instituição de ensino, quando há união em prol do mesmo objetivo: formar cidadãos conscientes da sociedade em que habitam, com valores éticos e morais e com a visão de um futuro em que cada cidadão assume sua responsabilidade social. (ZAMPOLI; PEINADO, 2013, p. 03.).

Esse pensamento corrobora para casos de violência presenciados nas escolas, a falta de relação saudável em casa permite que alunos expõe em outros ambientes de forma violenta seja (física/emocional) contra pessoas que as rodeiam.

A partir desse entendimento, Marques (2014, p. 27) afirma que esses casos são frutos de violência intrafamiliar em que podem ser expostos, e como forma de externar a revolta que estão sentindo por dentro acaba causando vítimas inocentes seja na escola como na comunidade. O uso de drogas ilícitas, contexto violento, cultura, desemprego, personalidade, dificuldades econômicas extremas ou maus tratos físicos pode agravar aversão do agressor. Sendo assim, verifica que há barreiras a serem vencidas na escola e família, e que ambas devem trabalhar em parceria a fim de superar essas dificuldades.

Diante dessa realidade, Gohn (2011, p.116) enfatiza que, “a educação não deve ser apenas uma agência, uma socialização de conhecimentos, mas deve contribuir para a formação de capacidades para atuar e pensar de forma criativa, inovadora, com liberdade”. A escola precisa ser o centro da vida social desses indivíduos, e não somente um serviço administrativo, mas, um lugar de prazer e satisfação em que todos são capazes e livres para se expressarem.

1.2.2 Ressignificando o papel do professor no contexto midiático

Com a chegada do século XXI, surge em então o tempo da tecnologia e informática que mudaram nossa concepção de vida, o que modernizou todos campos, como agricultura, empresarial, mercantil e até a educação. Isto fez com que as escolas e instituições analisassem sobre as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade e quais medidas deveriam ser tomadas para a introdução das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) no contexto escolar, o que ocasionou na resignificação do papel do professor.

Diante dessa perspectiva, o docente enfrenta um desafio de como utilizar esses meios em sala de aula, haja vista, que até aquele presente momento sua metodologia ainda estava muito pautada no tradicionalismo, em que o professor era detentor do conhecimento e tinha a incumbência de transmitir o conhecimento e o aluno apenas o receptor. Assim, perante essa novidade os alunos têm acesso aos mais diversos tipos de informações e saberes, onde cada um pode acessar e adquirir o próprio conhecimento.

Muito se fala a respeito do papel do professor de sua responsabilidade como parte imprescindível na formação humana, e como deve ser atuação no campo educacional, nesse viés, Faria (2002, p. 58) entende que, a atuação do educador passa pelo papel de “orientar e mediar as situações de aprendizagem para que ocorra a comunidade de alunos e ideias, o compartilhamento e a aprendizagem colaborativa para que aconteça a apropriação que vai do social ao individual”.

Desse modo, ser professor vai além de somente transmitir/repassar conhecimentos, pelo contrário, cabe então, o engajamento de múltiplas tarefas que estão entrelaçadas na sua realização. O exercício de professorado exige disciplina, esforço, compromisso, desempenho, atitude, comprometimento, pesquisa, disponibilidade.

Em tempos contemporâneos, arraigados de tecnologias e suas informações, não cabe ao docente está utilizando metodologias ultrapassadas que não atendem mais as expectativas dos aprendentes, haja vista, que há necessidade de se qualificar e suprir as necessidades desse público.

A partir dessa compreensão, entende-se que a função do professor será de mediador e facilitador em meio as novas tecnologias que serão utilizadas em sala de aula, além de dominar o letramento digital que refere-se à criticidade da informação

e o uso da tecnologia; compreender a potencialidade que as tecnologias podem proporcionar no ambiente educacional por meio da interação social que se estabelece entre os alunos.

Também é função do professor adaptar estratégias de ensino de acordo com a realidade; treinar e praticar a informatização com os alunos; organização do espaço, tempo e comunicação ou modos de expressar com uso das tecnologias na elaboração de suas aulas. Além disso, avaliar de maneira coerente os alunos a partir de suas realizações, atitudes e percepções de aprendizagem em relação às TICs utilizadas em sala de aula.

Entretanto, não existe uma fórmula certa ou único método a ser utilizado em sala de aula, mas, há necessidade de se inovar, reinventar a todo instante, entendendo que não existe somente um tipo de metodologia que abrange a todos por causa da diversidade presente.

A partir dessa compreensão, Faria (2002), o uso dos recursos tecnológicos precisar ser de maneira criativa tendo como princípio a construção do conhecimento coletivamente e possibilita a interação, além do que argumenta que tal uso redireciona o paradigma educacional como a relação pedagógica do professor.

Desejar ser um ser humano melhor não é uma tarefa simples. Falar do “humano” é algo complexo, pois, quanto mais a tecnologia avança, quantos mais os alunos, as crianças e os jovens têm contato com esse avançar do conhecimento, da ciência na modernidade, surgem dúvidas incontáveis. Vemos que o processo de conhecer é inesgotável, e, assim, as maneiras de interpretar o mundo nessa complexidade que vivemos. [...]. Nestas possibilidades de querer, de ser, de saber, dentro da escola e também fora dela, há a necessidade de resgatar ou incentivar a percepção do humano com o diálogo e a solidariedade (PEDROSA, 2015, p. 91).

Com o advir da tecnologia, as relações sociais e interpessoais são cada vez mais frágeis e vazias sem qualquer sentimento e/ou entendimento do outro, no qual são refletidas na sociedade, em que a escola é um espaço que presencia e é afetada por esta influência. Logo, para evitar conflitos e promover uma aula prazerosa, o professor deve unir sua experiência de mediador com as perspicácias dos alunos em adquirir informações de maneira rápida e precisa.

Nesse sentido, o fazer pedagógico requer do professor um constante preparo, pois, as mudanças são recorrentes e precisa se adaptar no tempo presente. Nesse enfoque, Enricone (2002, p.45) diz que, “a inovação, planejada como atividade de

formação, inicia-se pela necessidade sentida”, e necessita de uma abordagem que complete a formação do aprendente.

Ainda sobre essa perspectiva, Strieder (2004) argumenta que o prazer e a criatividade são aspectos precursores de uma nova teoria do conhecimento, em que o princípio pedagógico precisa estar fundamentado nesses fatores, reconhecendo que são habilidades intrínsecas do ser humano.

Nessa linha de pensamento, Pedrosa (2015, p. 56) também ressalta que, “ainda é possível uma escola que ajude na construção de valores, crenças, solidariedade, ética, responsabilidade e amor ao outro?”. Depois da família (entendo que ela é a primeira que participa nessa formação), mesmo com todas as dificuldades vivenciadas na escola, ela ainda é uma formadora social contribuindo com formação do caráter, escolarização, humanização, socialização e profissionalização do educando que irá se inserir na sociedade tendo com parte importante e colaborativa para o crescimento de uma sociedade igualitária.

Destarte, o docente precisar se apropriar dessa “aparelhagem tecnológica para se lançar em novos desafios e reflexões sobre sua prática docente” (FARIA, 2002, p. 63), tendo em vista que faz parte do processo de ensino e aprendizagem atual, logo, a formação continuada deve fazer parte da vida do educador.

1.3 O *STRESS* DOCENTE E A FORMAÇÃO CONTINUADA

1.3.1 Síndrome de *Burnout*

Dentre as características instintivas do ser humano, está em ser heterótrofo (incapaz de produzir seu próprio alimento), assim, diante dessa perspectiva, faz jus que o mesmo procure meio e métodos ágeis para sua sobrevivência. Nesse sentido, uma habilidade adquirida pelo homem em atender essa necessidade vem pela força do trabalho que o constitui como ser independente e autônomo. Tal habilidade é inerente à construção da identidade humana e o meio pelo qual o indivíduo integra e interage na sociedade.

A força de trabalho estabelecida pelo homem pode ser física ou intelectual, mas, todas requerem um esforço extremo que dependendo da intensidade e duração levam ao esgotamento, chegando a um estágio crítico da saúde que

compromete seu desempenho em suas funções laborais, além do desânimo, falta de estímulo, prazer no desenvolvimento das atividades.

No contexto das ideias expostas, surge então uma doença que até pouco tempo era desconhecida, mas, que tem preocupado médicos, cientistas e curiosos do assunto: a Síndrome de *Burnout* (SB). Termo de origem da língua inglesa cuja junção de dois termos *Burn* e *Out* que traduz “queimar” “fora”, e a partir das últimas décadas passou ser usada para designar uma Síndrome resultante de uma exaustão emocional. “A síndrome de Bournout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é considerada um distúrbio psíquico” (MORAES, 2016, p. 22).

Em termos históricos, o vocabulário *burnout* “foi utilizado primeiramente, por Brandley em 1969 em um artigo que utilizava o termo *staff burn-out* para caracterizar o desgaste de trabalhadores que assistiam outras pessoas”, segundo Silva e Honório (2011, p. 04). A síndrome pode atingir mais diversas atividades econômicas, sendo que as mais propensas a ser acometidas por ela são as que intimamente ligadas com contato direto com pessoas e sua interação, principalmente as de caráter emocional. À vista disso, registra-se um índice alto de pessoas com os sintomas da *Burnout* em atividades como docência, áreas médicas, policiais e psicológicas são consideradas mais expostas ao risco de desenvolver *Burnout*.

No Brasil, a síndrome foi oficialmente adicionada às doenças relacionadas à saúde do trabalhador através do Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999. No seu Anexo II, o decreto apresenta-a na subdivisão “Transtornos mentais e do comportamento relacionados com o trabalho” como “Sensação de estar acabado (‘Síndrome de Burn-Out’, ‘Síndrome do Esgotamento Profissional’), decorrente de atividades de natureza ocupacional em ritmo de trabalhoso penoso associada às relações interpessoais intensas, além de outras dificuldades mentais e físicas relacionadas ao trabalho (BRASIL, 1999).

A característica da SB estar no estado de tensão emocional e estresse crônico por consequências das jornadas árduas de trabalho físico, emocional e psicológica desgastantes. Os sintomas que são verificados em pessoas que estão submetidos à síndrome se destaca a agressividade; alterações no humor; irritabilidade; mal estar; ansiedade; tristeza; falta de memória; pessimismo; vontade de isolamento, ou seja, sintomas comportamentais, físicos, psíquicos e defensivos. Vale ressaltar, que não somente a pessoa afetada sofre por causa da síndrome, mas as pessoas que as rodeiam são atingidas pelo mal.

Alguns fatores podem levar a esse diagnóstico, as relações de trabalho frustrantes, história de vida da pessoa e sua vulnerabilidade o que pode favorecer o surgimento da doença, assim como as condições de desmerecimento, desvalorização profissional, remuneração simplória, condições de trabalho precário e estresse excessivo podem agravar o estado clínico.

Quando as situações de estresse são constantes e os métodos de enfrentamentos insuficientes, pode ocorrer o estresse crônico, e consequentemente a síndrome de *burnout*, principalmente porque se espera alcançar reconhecimento profissional o que na grande maioria não ocorre é o produto de uma interação negativa entre o local de trabalho e seu grupo profissional (CRACCO; SALVADOR, 2010, p. 16).

O mundo cada vez mais competitivo na busca desenfreada por espaço e sucesso no mercado de trabalho exige do profissional: dedicação, foco e melhor desempenho para obter resultados favoráveis com a finalidade de equiparar aos concorrentes. Diante dessa realidade, nota-se cada vez pessoas bastante esgotadas física e emocionalmente para correr contra o tempo na expectativa de alcançar ou de manter o status social, além do que, o trabalhador estar constantemente à procura de profissionalização para satisfazer as exigências do mundo capitalista e do empregador.

Nesse cenário, verifica-se que há um estresse muito grande sendo gerado, o que pode ser tornar crônico e consequentemente, a Síndrome de *Burnout*. Vale ressaltar, que há diferença entre estresse e Síndrome de *Burnout*, sendo que o primeiro se trata de um esgotamento esporádico podendo ter modificações físicas ou emocionais, já o segundo, se destaca por um processo mais prolongado no qual os métodos de enfrentamentos falharam ou foram insuficientes para que a pessoa pudesse superar este estado (MORAIS, 2016, p. 23).

É muito comum confundir esses dois aspectos e a pessoa não notar que já contraiu a doença e imaginar que é apenas um estresse normal do dia a dia, mas, para que tenha o diagnóstico preciso da doença, faz-se necessário que se procure um especialista que entenda do assunto, assim Moraes (2016, p. 26) complementa que esse processo precisa levar em consideração “três dimensões da doença, a saber: esgotamento emocional; despersonalização; envolvimento pessoal no trabalho”. Para esse processo requer um levantamento preciso da vida da pessoa

para averiguar seu comportamento em todos os campos de envolvimento social do paciente, só assim terá todos os subsídios necessários para dar o veredito final.

Pode-se afirmar que a Síndrome de *Burnout* é consequência das más relações interpessoais ocorridas no ambiente de trabalho, que gera assim desconforto no desenvolvimento das atividades laborais em todas as dimensões.

1.3.2 O Stress Ocupacional e a formação continuada

Ao relembrar as memórias de um século atrás, pode-se rememorar que atividade pedagógica tinha certa monotonia devido à simplicidade do ensino e ausência de recursos tecnológicos, que surgiram a partir do desenvolvimento industrial. O professor tinha toda autonomia para adotar didática devia ser aplicada em sala de aula, materiais utilizados (ou não), currículo aplicado, métodos de avaliação (geralmente era a quantitativa). Este profissional era o centro de todo o processo de ensino, era até reverenciado por sua posição e temido por seu público. Essa profissão era muito reconhecida pela sociedade devido ao grau de importância na contribuição da formação humana.

Na atualidade tem-se um retrato bem diferente, houve melhorias e outras nem tanto, a figura do docente mudou não sendo mais detentor do conhecimento, pois com isso permitiu que alunos pudessem externar seus conhecimentos empíricos e contribuir com o aprendizado do conhecimento científico vivenciado em sala de aula, o que foi de certa forma uma boa mudança. Legislações e fundamentos curriculares foram estabelecidos no intuito de se estabelecer e equiparar o ensino no país. A visão da profissão sofreu alterações e passou a ser regulada.

Isso tem refletido na modificação do papel do professor, tornando-o isolado em sua escola, sofrendo com a maximização das responsabilidades e cobranças, que não se restringem somente ao plano de aula, em razão do aumento das responsabilidades burocráticas, levando-o a se sentir frustrado em relação aos baixos níveis de sucesso no trabalho (SILVA; HONÓRIO, 2011, p. 03).

Diante disso, nota-se que fazer pedagógico passa por barreiras que dificulta o processo de aprendizagem, há uma sobrecarga em cima do professor por questões burocráticas instituídas pelo governo em busca de uma educação de qualidade sem oferecer todos os subsídios necessários aos docentes para que assim consigam

aplicar um ensino mais eficaz. O objetivo dos governantes está em melhorar o índice da educação e diminuir o número de analfabetos no Brasil à custa de um esforço enorme do profissional sem dar qualquer aparato.

Entretanto, o que se percebe nos espaços escolares é a falta de recursos didáticos que proporcione uma aula de qualidade. Além disso, a ética da contemporaneidade mudou ou nem existe, pois, a falta de respeito por parte dos alunos é alarmante, o que tem sido o grande aumento de caso de agressão física, moral e intelectual sofrido pelos professores.

Na atualidade, o papel do professor extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno, o que era comumente esperado. Ampliou-se a missão do profissional para além da sala de aula, a fim de garantir uma articulação entre a escola e a comunidade. O professor, além de ensinar, deve participar da gestão e do planejamento escolares, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende às famílias e à comunidade. (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005, p. 191).

Considerando todos os aspectos mencionados, verifica-se que cada vez mais a docência tem passado por tempos difíceis e não há perspectivas de melhorias, tudo isso resulta em um “acentuado desinteresse e a falta de motivação para o trabalho, o estresse exacerbado e a baixa autoestima, em função da agressividade, insegurança e desrespeito por parte de muitos alunos” (SILVA; HONÓRIO, 2011, p. 01), são algumas das consequências vivenciadas por parte dos docentes em espaço escolar.

Com a finalidade de atender essa demanda e estar preparado para mudanças recorrentes no campo educacional há uma exigência por parte do professor, o que ocasiona carga horária extra de formação continuada para o aperfeiçoamento e treinamento para se adequar as novas tecnologias que surgem no mercado. Mesmo sendo necessário essa formação, nota-se que a valorização, remuneração e respeito não são acometidos ao docente por parte do governo ou pela sociedade.

Tudo isso requer do professor dedicação e empenho, mas em contrapartida não se retribui o que era de devido a ele. Devido à grande demanda de funcionalidade do docente no espaço escolar, há necessidade de oferecer a ele um ambiente que oportunize uma educação humanizada, permitindo que o ser humano seja o autor de suas próprias escolhas e decisões.

Nesse contexto, humanizar é possibilitar ao trabalhador um espaço digno, oferecendo uma remuneração equivalente ao cargo e competência, além do que,

condições favoráveis para sua execução. Logo, um ambiente saudável em que as relações interpessoais são harmoniosas promove o bem-estar e proporciona momentos de prazer ao estar no local de trabalho, quando não se promove essas relações, o direito do ser humano é desrespeitado ocasionando um estresse desnecessário que pode se tornar um agravo na saúde.

Assim, Gasparini *et al* (2005) argumenta que as condições de trabalho estabelecidas na vivência do professor fragilizam suas capacidades físicas, afetivas e cognitivas com o propósito de atingir a produção escolar, o que conseqüentemente, gera um sobre-esforço ou hipersolicitação de suas funções psicofisiológicas. Se não tratados em tempo oportuno, são desencadeados sintomas o que justifica a grande demanda do egresso do trabalho causado por transtornos mentais.

Esse pensamento corrobora para entender que, a saúde e à sobre carga de trabalho pode irromper no processo de adoecimento do professor, nos quais de acordo com Gouvêa (2016, p. 209) discorre que “a diminuição ou a falta de tempo livre fora do trabalho para outras atividades da vida e para o lazer [...] e a realização do trabalho em condições de estresse”, podem contribuir nas implicações previsíveis para a saúde, pondo o trabalhador em situação extrema comprometendo todo processo educacional.

Verifica-se que são diversos os precursores dos problemas enfrentados pelos educadores diante da realidade escolar. Haja vista, que se trata de caráter frugal que atinge uma gama da sociedade. Quando se fala em educação espera-se que o formador possa estar em condições aceitáveis para que assim oportunize ao aluno uma qualificação necessária para o seu desenvolvimento, mas, se estiver diante dessa situação há uma disparidade o que prejudicará todo trabalho pedagógico.

Os problemas de saúde identificados foram: sensação de intenso mal-estar generalizado; ansiedade, tensão, nervosismo, irritabilidade, depressão, angústia e esgotamento; perturbações do sono; problemas digestivos; problemas respiratórios e da voz. Os professores estudados expressaram frustrações diante da precariedade de recursos materiais que dificulta o cumprimento de objetivos planejados. O cenário da escola deixa pouca margem para a criatividade e autonomia do professor face às normas educacionais vigentes, assim como a obrigatoriedade de formação específica em cursos estipulados pelo seu gestor e, também, prescrição do tipo de avaliação dos alunos (GASPARINI, 2005, p.197).

Ainda nesse sentido, Moraes (2016) afirma que diversos são fatores que contribui para o esgotamento físico e mental dos profissionais de educação o que inclui superlotação de sala de aula, alunos indisciplinados, falta de recursos, muitas horas de trabalho. Vale salientar, que existe hora extraclasse e extraescola o que faz da profissão um infortúnio, extrapolando o limite considerável para qualquer profissão. Diante desse exposto, deve-se considerar que a educação é uma área que muito exige do seu profissional, mas, por outro lado desvaloriza seu esforço.

Outro fato relevante nesse processo de estresse docente presenciado nos espaços escolares é proveniente da falta de preparado dos professores para assumir uma postura inclusiva em sala de aula, o que careci de uma formação continuada que os habilite para atender esse novo grupo, o que lhe causa ansiedade excessiva e desgaste emocional. Além do mais, o desinteresse da família em subsidiar o filho no processo de formação recai sobre o docente uma função extra de assumir a responsabilidade dos pais, com tudo isso surgem sentimentos de desilusão e desencantamento da profissão.

Outros aspectos abordados por Gouvêa (2016) se refere à infraestrutura das escolas, em que as condições prediais precárias, mobiliário inadequado, ventilação e iluminação inadequadas, faltas de saneamento básico e ruídos excessivos. Ausência desses componentes são essenciais para o ambiente de trabalho salubre.

Além disso, a autora complementa que o fator determinante do alto nível de estresse no professor se deve pela violência nas escolas, o que afeta a segurança e consequentemente a saúde do profissional. A cada dia os índices de violência na escola torna-se alarmante, deixando assim aparente preocupação de atuar nesses espaços. Ademais, os governantes não tomam uma solução enérgica em relação ao problema, o que resulta na insatisfação dos docentes e desprestígio da profissão pelas futuras gerações.

Assim, nota-se que a saúde do professor deve ser uma questão que precisa ser analisada e preventiva com a finalidade de diminuir os casos e assim não afete o desenrolar do fazer acadêmico.

2 JESUS CRISTO E PAULO FREIRE: QUAIS CONTRIBUIÇÕES À PRÁTICA EDUCATIVA?

2.1 POR QUE JESUS CRISTO?

Por mais que não tenha a pedagogia como profissão formal desse educador, mas sua atuação como pregador nato e grande influenciador nos dão margem para entender que sua prática permeava na docência, uma prática pedagógica pioneira que ensinou, influenciou e transformou uma sociedade corrompida de princípios opróbios. Considerando todos os aspectos antes mencionados, a personagem de Jesus Cristo foi escolhida para fazer uma análise de como a sua interação com as pessoas possibilitava um envolvimento solidário possibilitando uma relação dialógica que produzia aprendizado para os seus ouvintes.

2.1.1 História

Independente da discussão que permeia sobre a veracidade de sua existência, o que será fundamentado nesse estudo é averiguação de seu método em atrair o público com seu discurso, sua maneira simples, mas, concisa. Traz ensinamentos práticos de acordo com a realidade e cotidiano dos espectadores propiciando uma reflexão individual de suas ações perante a sociedade.

José também subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, para Judeia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e família de Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa que estava grávida. Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias, e ele deu a luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria (BÍBLIA, Lc. 2: 4-7).

Conforme a citação bíblica, Jesus precede de uma família humilde, camponesa, porém, de uma linhagem importante para o povo de Israel. Apesar de não possibilitar privilégios, já que mesmo na situação em que Maria se encontrava não achou lugar apropriado para hospedar. Pode ser devido à grande aglomeração de pessoas que se encontrava na cidade por causa do alistamento censo, o que era comum na época como forma de controle por parte o governo uma maneira de obter controle e domínio sobre o povo israelita que era subordinado pelo império romano.

Bastos (2009, p. 107) comenta sobre a situação da camponesa da época em que o endividamento rural era crescente devido as condições precárias que os israelitas sofriam pelo governo herodiano, na tentativa de suprir suas necessidades básicas as populações acabavam por fazer empréstimos ao governo o que acabava hipotecando suas terras e conseqüentemente suas dívidas, outrora se transformavam em meeiros empobrecidos. Diante deste cenário que Jesus nasceu, vindo de origem muito humilde com poucos subsídios o que não possibilitou de uma educação formal, oferecida na época, logo, nota-se que mesmo sem formação não impediu de realizar um trabalho significativo na sociedade.

Durante sua vida dedicou a suprir as necessidades dos pobres e oprimidos, seja de pão, conforto, paz interior, esperança, amor, compaixão e a buscar pela igualdade de oportunidades a todos. Sua filosofia de vida era compreender os outros e possibilitar que o mesmo tivesse a oportunidade de conhecer a verdade (conhecimento) e assim, se libertar da opressão sentida pelo governo daquele século. Vale ressaltar que os preconceitos estabelecidos mesmo pela tradição ou doutrinas religiosas eram outras formas de oprimir o povo, e Jesus contrapunha a qualquer prática que impedisse o povo de seus direitos, sempre sensível as fragilidades das pessoas independentes de classes sociais.

Desde tenra criança Jesus se mostrou diferenciado dos demais, sua capacidade de assimilar conhecimentos e explaná-los com maestria foi observado desde cedo. Em ocasião da comemoração das festas sagradas sua família se dirigiu a Jerusalém e ali, ele se afastou de seus familiares para estar com os doutores da lei no templo judeu. A Bíblia (Lc 2: 46,47) relata que “o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas”. Ainda nesse sentido, White (2012, p. 21) completa que, “os mestres não puderam responder. Começaram, então, a fazer perguntas a Jesus e se surpreenderam com o conhecimento que ele tinha das escrituras”.

A partir do exposto nota-se que possui uma inteligência não comum para os seus contemporâneos. Havia ao lado do templo escolas em que as aulas eram ministradas pelos rabis (homens cultos e preparados para o ensino) no qual transmitia todos os ensinamentos preservados por séculos de existências, também sua histórias, conquistas, guerras, doutrinas e leis. As famílias priorizavam em enviar os filhos (preferencialmente sexo masculino) para aprenderem sobre suas histórias e

assim se tornarem mestre da lei, mas, evidentemente Jesus não frequentou essas escolas, vale lembrar que para participar desses ensinamentos havia um custo muito alto para famílias por isso era privilégio de poucos.

Nessa perspectiva, a formação que Jesus obteve foi a partir da educação não formal preferivelmente na família, convívio com a sociedade, como também com relações em meio à religião que frequentava. Era comum mediante as famílias mais carentes que não podia oferecer estudos aos filhos em escolas, proporcionarem a instrução dos filhos no lar. Diante de tudo isso, percebe-se que teve uma formação de qualidade mesmo que não fosse convencional.

Jesus deve ter aprendido muito no cotidiano da vida do povo do norte da Palestina do século I. Foi inserido nesse contexto que ele sentiu na própria pele as três forças que interferiam naquela região, cada uma delas, a seu modo, criando uma situação conflituosa: a política do governo, a Religião oficial e o movimento popular. As três exerceram grande influência na formação que Jesus recebeu em Nazaré e foram determinantes para a escolha da sua missão e a formação que deu aos discípulos e discípulas (QUEIROZ, 2009, p. 31).

Diante do pressuposto, tais fatores foram determinantes para que ele recrutasse discípulos e discípulas a fim de conscientizar o povo quanto ao processo de opressão em que estavam vivendo e quais seriam as medidas que o povo devia tomar. Mais do que proferir ensinamentos, Jesus era mestre por ensinar com sua própria vida, todos os ensinamentos repassados ao povo era vivenciado por ele. Sua pedagogia ajudava as pessoas a crescerem, a tornarem adulta, suscitando o desenvolvimento do sujeito capaz de um pensamento autônomo e criativo.

Já adulto, retira-se do seu familiar para começar seu trabalho como missionário, primeiramente começa a pregar nas redondezas de Nazaré nos templos e povoados, em Cafarnaum realiza alguns milagres que se torna conhecido e admirado por todos os lugares, diante disso, milhares de pessoas os seguem (discípulos). Para facilitar o seu trabalho e atender todo o povo, segundo a Bíblia (Lc. 6: 13), “chamou a si os discípulos e escolheu doze entre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos”, que eram pessoas mais próximas ou mesmo de confiança, tendo em vista que a multidão era grande.

Conforme sua mensagem vai propagando entre o público automaticamente no número de seguidores aumenta gradativamente, para melhor atender o povo Jesus ver a necessidade de chamar pessoas de confiança para auxiliá-lo. Ao

analisar os evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus os primeiros discípulos surgiram à beira do mar da Galileia, já no evangelho de João relata que uns adeptos de João Batista se dispuseram a seguir Jesus. Segundo Queiroz (2009, p. 55), Jesus abandonou sua rotina de vida em Nazaré como também seus discípulos seu antigo estilo de vida para iniciarem uma prática de vida social alternativa.

Vale ressaltar, que os doze escolhidos por Jesus foram às primeiras pessoas que ele teve contato no início de sua missão, o que dá a entender que passaram primeiro pelo processo de discipulado para poderem assumir a postura de apóstolos. No qual entende-se que fará tudo que foi ministrado pelo mestre em prol do próximo e o bom andamento da comunidade. Jesus queria realmente resgatar a identidade de cada ser humano, para a sua sobrevivência digna, ser pessoa capaz de decidir sua vida, ser livre e solucionar seus próprios problemas.

Sua missão era denunciar as injustiças, como desprezo e crueldade sofridas pelo governo romano. Além disso, sensibilizava com as mulheres, tendo em vista que elas eram marginalizadas pela sociedade da época. Em oposição a esse comportamento, faz duras críticas aos soberanos (saduceus, fariseus, doutores da lei e romanos), em (Lc. 13: 10-17) luta contra os preconceitos em relação à mulher encurvada; em (Mc. 5: 25-34), a mulher considerada impura por causa de uma enfermidade; em (Jo. 8: 2-11) a mulher adúltera; em (Lc. 8: 2) Maria Madalena considerada possessa, que depois se tornou uma fiel seguidora; em (Jo. 4: 7-15) a mulher samaritana. Ele queria que homens e mulheres com suas peculiaridades e diferenças fossem iguais em dignidade e valor. Era um educador que combatia as divisões injustas.

Como os seus princípios era um ataque ao governo e também à prática religiosa existente naquele tempo, logo, a maior gama de seus discípulos eram de origem simples (os oprimidos) camponeses, agricultores, pescadores, outros marginalizados pela sociedade como (cobradores de impostos, adúlteros, leprosos, possessos, viúvas e/ou de origem estrangeiras).

Tendo em vista, que sua mensagem era consolo e esperança, pois viam nele uma saída de suas aflições e sofrimentos, por mais que fosse uma realidade triste seus ensinamentos objetivavam promover o amadurecimento do pessoal e intelectual das pessoas para que assim pudessem se defender por si próprios das opressões sofridas.

Mas, algumas exceções de pessoas influentes e ricas que buscavam os conselhos e auxílios de Jesus como pode se ler na Bíblia (Mc. 5: 22), “eis que se chegou a ele um dos principais da sinagoga, chamado Jairo, e, vendo-o, prostrou-se a seus pés”, mesmo sendo um homem muito importante para o judaísmo que até então era contra a obra de Jesus, reconheceu o seu poder de persuasão.

Ainda nesse sentido, nota-se a figura de Zaqueu (Lc. 19: 2) que era um homem muito rico, mas que despertou interesse em conhecer e ouvir as mensagens de Jesus, como também Nicodemos (Jo. 3:1) que um grau de reputação e prestígio para o povo judeu, mesmo sendo um conhecedor dos princípios bíblicos buscou ajuda para melhor executá-lo. Sempre abnegado, sem instrução e nem recursos financeiros não se omitiu em ensinar as pessoas para prática do bem.

Portanto, a vida de Jesus foi dedicada a servir os menos favorecidos e permitir que os seus ouvintes tivessem a oportunidade de obter novos conhecimentos que abrangia os científicos, histórico e social no momento presente da sociedade, além de dar ênfase aos acontecimentos futuros.

Jesus teve em seu agir uma compreensão e análise aguda, profunda e ajustada da sociedade em que vivia, suas estruturas de opressão e mecanismos de exclusão; fez seus discípulos continuadores de sua práxis libertadora movida pela compaixão sensível e atenta ao sofrimento humano, assim como uma abertura para a compreensão, o sentir e dialogar com esses sentimentos numa relação de íntima reciprocidade (SILVA, 2006, p. 81).

Considerando os aspectos acima discutidos, demonstra-se que mesmo em meio aos conflitos vivenciado por Jesus em sua trajetória, fica evidente que seu legado foi passado de em geração em geração, afirmando que seu método foi muito apreciado e copiado por discípulo que quebraram as barreiras dos tempos, a fim de transmitir uma mensagem de paz, esperança e amor aos oprimidos do mundo.

2.1.2 Legado à prática educativa

É incomum imaginar Jesus Cristo como um educador. Nota-se sua figura como um homem doutrinário que veio trazer uma mensagem de paz e esperança as pessoas. Por mais que sua figura seja isso e muito mais, o que este estudo apresenta é um Jesus educador, que inovou ao trazer uma metodologia simples, porém eficaz.

O ato de educar exige do docente muito além do conhecimento, precisa ter domínio dos conceitos e dos alunos, adquirir respeito e admiração por parte dos discentes está cada vez desafiador para profissional da educação em tempos contemporâneos. Haja vista, o que predomina são maus tratos e violência em relação a esse profissional, então como utilizar o método de Jesus nos tempos atuais?

Seu diferencial estar em ouvir as pessoas, como comenta Fernandes (2001, p. 37), “Ele é um modelo de educador diferente, por que sabia escutar, relacionar, dialogar com as pessoas”. Período em que reina o individualismo e egocentrismo abordar uma teoria mais humanizada que priorize o crescimento humano com sujeito de sua existência e suas escolhas para ser inimaginável, mas, deve-se ter em mente que a maneira que Jesus questionava às pessoas, era para levá-los há uma compreensão mais profunda de si e do mundo. Entender que quando eu me aceito e me compreendo só assim poderia tomar uma atitude diferenciada e positiva em relação ao mundo.

Isso é tão impactante que se reflete nos resultados de seu método, em que multidões os seguiam e ficavam maravilhados com sua doutrina de acordo com a Bíblia (Mt. 7: 28-29), pois se diferenciava da forma de ensinar dos mestres de sua época os “escribas” o que causou grande alvoroço social e religioso. Pois, confrontou androcentrismo sustentado na antiguidade e abriu caminho para igualdade de oportunidades entre ambos os sexos, sempre questionando a valorizando o papel da mulher na sociedade.

Mais que professar algo, o papel do professor está, além disso, precisa promover no educando o desejo, interesse e a vontade de imitar o que professor faz, só assim se torna um mestre. Quando se analisa o comportamento do personagem cristão ver nele um inigualável mestre, como afirma Cury (2012, p.10), que o considera o Mestre dos mestres, o maior educador da história, pois, “Ele conseguia atingir com delicadeza, sabedoria e perspicácia as regiões mais profundas do inconsciente de seus discípulos. Fico perturbado ao constatar que ele aproveita momentos incomuns para dar solenes ensinamentos”.

Não afirmamos aqui que Jesus consciente e propositadamente estudasse os métodos e processos de ensino, e deliberadamente buscasse segui-los. É possível que sim, mas provavelmente assim não fez. Admitimos que ele tinha uma soma de conhecimentos que perfeitamente o habilitava para a tarefa de mestre. Intuitivamente, ou por assimilação, foi um mestre, um

técnico, em métodos de ensino. Ele não anunciou propriamente nenhum princípio psicológico especial, nenhuma teoria de educação, nenhuma prática pedagógica; não obstante, ele mostrou conhecer perfeitamente todos os seus elementos principais e os usou de maneira mais que eficiente. Empregou métodos com perfeita liberdade e eficiência. Parece até que os descobria e aplicava de modo natural. Com a inteireza de suas fontes e recursos, aproveitou bem todas as oportunidades de ensinar, e empregou sempre, e para cada caso, o método justo e adequado (PRICE, 1980, p.14).

Como prediz o autor, seu método perfaz todos os métodos e teorias já adotadas na educação, mesmo sem recursos didáticos conseguia transmitir a mensagem de forma clara e concisa às pessoas e as mesmas reproduziam seus ensinamentos. Isto remete a ideia que quando são dedicados e comprometidos com a educação se pode obter resultados positivos.

Outra característica fundamental de seu método se dá por tirar conhecimento a partir de situações do cotidiano e vivências dos seus ouvintes. Trazendo uma nova perspectiva de mudanças que podem ser adotadas, assim, Cury (2012) menciona como um homem mais humano que já existiu, pois era sensível, questionador, solidário, inusitado, pregava com poder e autoridade, desafiando os detentores do poder. Sua pedagogia estar ligado à vida cotidiana, a terra, à cultural e suas raízes de quem os ouvia, por isso tão humana.

As parábolas e fábulas mencionadas por ele são sempre fontes do saber levando seus ouvintes há uma profunda reflexão, era um exímio perguntador. Levava as pessoas a duvidarem de suas próprias crenças e convicções proporcionando a desenvolverem uma nova possibilidade de pensar. Quando se lê sobre sua vida e feitos verifica-se que ele mais perguntava do que respondia e/ou respondia com outra pergunta. Era instigador nato do pensar humano, essa capacidade de instigar o ouvinte, o desafia a analisar e resolver o que lhe é proposto. Motivo este, que despertava a curiosidade de seus adeptos ou adversários.

Jesus de Nazaré pretendia uma libertação plena. Tinha um projeto social amplo para atender a todas as pessoas. Contemplava o indivíduo, considerando-o como sujeito e, ao mesmo tempo, coletividade estabelecidas às regras mínimas de convivência, baseadas na caridade. Caridade que não se restringiu a dar coisas. Caridade como compartilhamento de sentimentos e de espaços físicos ou simbólicos, de um exercício de boa convivência, de respeito a si mesmo e ao próximo visto como igual (BASTOS, 2009, p. 09).

Assim diante do que foi exposto acima, a valorização humana era seu objetivo, permitir que os seres abrissem o leque de oportunidade e compreensão da realidade, baseado na caridade, mas, de suprir necessidade financeiras ou físicas e de levá-los a exercer uma cidadania baseada no amor mútuo.

Por meio de seus ensinamentos de maneira clara, objetiva e popular mediante parábolas denunciava práticas cruéis sobre os oprimidos de seu tempo. Bastos (2009) argumenta, que Jesus tinha com finalidade despertar a consciência do povo em relação à opressão. Dito isso, foi precursor para que o mesmo fosse crucificado e desencadeado uma perseguição aos seus seguidores por muitos séculos.

Sob esse véis, a didática utilizado por ele, tendo em vista que não se fixava em nenhum lugar, ora viajando e rodeava em vários lugares, o diálogo era mais utilizado para ilustrar suas histórias e parábolas. Nesse sentido, Freire (2011) frisa que, o diálogo tem que ser uma relação horizontal entre os participantes, em que a partir de uma matriz problematizadora os sujeitos do diálogo possam chegar alguma conclusão, o que gera seres críticos a partir da criticidade estabelecida. Ainda argumenta que só resulta em criticidade quando esse diálogo é nutrido com amor, fé e esperança na busca por algo maior e inovador.

Assim, o papel do educador tem que está fundamentado no diálogo constante dos seus educandos partindo de situações concretas ou abstratas, reais ou imaginárias e/ou atuais ou históricas, dando torna o suporte necessário para que os próprios alunos construam seus conhecimentos.

Esse pensamento corrobora da ideia que o diálogo se faz necessário no processo educacional, não apenas uma comunicação vazia, mas uma que possibilite o educando experimentar novos saberes, para isso questões norteadoras deve introduzir esse caminho e levá-los há uma problematização, o que desencadeará discussão produtivas para embasamento de grandes ensinamentos. Nesse sentido, Cury (2012, p.110) diz que, “o maior trabalho de um mestre não é fornecer respostas, mas estimular seus alunos a desenvolverem a arte de pensar. Todavia, não há como estimulá-los a pensar se não aprenderem sistematicamente a perguntar e duvidar”.

Os procedimentos metodológicos utilizados no processo de educação não formal estão poucos codificados na palavra escrita e bastante organizados ao redor da fala. A voz ou vozes, que entoam ou ecoam em seus

participantes são carregadas de emoções, pensamentos, desejos etc. São falas que estiveram caladas e passaram a se expressar por algum motivo impulsionador [...]. Ao se expressar, os atores/sujeitos dos processos de aprendizagem articulam o universo de saberes disponíveis, passados e presente, no esforço de pensar/elaborar/reelaborar sobre a realidade em que vivem (GOHN, 2011, p. 114).

Dessa forma, o desafio do professor no tempo presente, além de promover uma aula interativa e produtiva precisa provocar no aluno a arte de pensar e propiciar meios de solucionar situações diversas. O aprendizado só acontece quando o aluno sai da sua zona de conforto e se confronta com situações inéditas abrindo caminho para o crescimento intelectual.

Assim, é necessário questionar quais as contribuições que o uso de parábolas, fábulas ou histórias tem a favorecer no processo de ensino e aprendizagem aos discentes. Deve-se ter em mente que essa formação de valores que todo ser humano faz jus adquirir, e ao analisar suas parábolas percebe-se que causava um efeito positivo na vida das pessoas, seja pela maneira clara, meiga e concisa utilizada pelo interlocutor ou pela mensagem que vinha de encontro com a necessidade do ouvinte. Assim, a autora comenta sobre a importância do uso das parábolas no processo educativo utilizado por Jesus.

As parábolas constituem um método de comunicação e de ação pedagógica que envolve no mesmo círculo dialógico o narrador e o ouvinte e desabrocha a possibilidade libertadora do sujeito, de forma que o ouvinte vai habilitando-se a ler a realidade e a compreendê-la si mesmo dentro dela como sujeito histórico, capaz de fazer história (SILVA, 2006, p. 45-46).

Para os alunos deste século, estar na escola é uma das coisas mais entediantes por causas de longas horas, metodologias entediantes, professores estressados ou mal remunerados que o acaba refletindo em seu trabalho, falta de estímulo, falta de espaços adequados para promover um ensino de qualidade, são estes os fatos que permeiam na vida dos educandos que os enfadaram na vida escolar.

Logo, o docente tem que cativar o aluno e prender sua atenção no decorrer de sua explicação. Conforme Cury (2012, p. 112), Jesus “estimulava o prazer de aprender, retirava os alunos da condição de espectadores passivos do conhecimento para se tornarem agentes ativos do processo educacional”.

Adotar uma metodologia baseada em problemática fundamentada em cunho reflexivo para o desenvolvimento de valores, levando os educandos a estimular

aptidão de pensar na busca por uma decifração do saber. Esta é a pedagogia desenvolvida por Jesus enquanto aqui viveu aplicava ensinamento do concreto ao abstrato, do conhecido ao desconhecido. Exemplo de pedagogo, que não omite nenhum conhecimento e nem oprime o ser humano de adquiri-lo, mas assegura que todos podem e devem por si mesmo alcançar o amadurecimento intelectual e individual do ser humano.

Como pode alguém que nasceu há tantos séculos, sem qualquer privilégio cultural ou social, demonstrar um conhecimento tão profundo da inteligência humana? O mestre de Nazaré era um maestro da vida. Ele usava seus momentos de silêncio, suas parábolas, suas reações para estimular seus incultos discípulos a se tornarem um grupo de pensadores capazes de tocar juntos a mais bela sinfonia da vida. Sem dúvida, era um mestre intrigante e instigante. Estudar a inteligência dele é muito mais complexo do que estudar a de Freud, de Jung, de Platão ou a de qualquer outro pensador (CURY, 2012, p. 50).

Ao analisar sua prática percebe-se um educador ciente do que transmitia, era seguro e determinado, era educado e atencioso com as pessoas. Um exíguo educador, paciente, porém não era um mestre passivo e sim provocador. Sempre indagando os ouvintes com questionamentos difíceis, às vezes não compreendidos, mas era o diferencial de seu método, aquilo que muitas vezes não é compreendido ao ser humano é o que mais lhe causa curiosidade, assim, deve ser a atuação do professor em sala de aula, promover uma aula que traga o não compreendido e inovador para que desafie o educando na busca por respostas.

Como pode alguém que nasceu há tantos séculos, sem qualquer privilégio cultural ou social, demonstrar um conhecimento tão profundo da inteligência humana? O mestre de Nazaré era um maestro da vida. Ele usava seus momentos de silêncio, suas parábolas, suas reações para estimular seus incultos discípulos a se tornarem um grupo de pensadores capazes de tocar juntos a mais bela sinfonia da vida. Sem dúvida, era um mestre intrigante e instigante. Estudar a inteligência dele é muito mais complexo do que estudar a de Freud, de Jung, de Platão ou a de qualquer outro pensador (CURY, 2012, p. 50).

Ele era excêntrico, pois falava pouco, mas ensinava muito, dizia muito em poucas palavras, o que se distinguia dos mestres de sua época e dos atuais. Não era repetitivo em seus ensinamentos, sempre diversificando as áreas de conhecimento que queria despertar nas pessoas.

Diante desse questionamento, fica evidente que o docente precisa estar em constante mudança, principalmente em relação ao poderio do conhecimento,

permitir que o aluno seja sujeito e autor dando a oportunidade de expressar e transpor o seu entendimento sobre situações complexas. Só assim, promoverá no aluno um crescimento intelectual difuso e transformador de si e da realidade que o rodeia.

2.2 POR QUE PAULO FREIRE?

2.2.1 História

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco (Brasil), numa das regiões mais pobres do país, onde experimentou as dificuldades das classes minoritárias. Sua família viveu a religiosidade ecumênica, sendo a mãe católica e o pai espírita. Nos meados dos anos 20, precisamente 1929 veio a crise que afetou o comércio, logo a família veio a falência, seu pai, o “capitão Temístocles”, faleceu. A mãe, católica piedosa, viu-se em dificuldades para sustentar a si e aos filhos. Assim, Paulo vagava com ela de venda em venda, procurando um local em que pudessem comprar comida fiado. Logo, sua mãe percebeu que a única maneira de oportunizar uma vida melhor para seus filhos seria por meio dos estudos (FERNANDES, 2019).

Por consequências das dificuldades financeiras, experimentou a fome, exclusão e a miséria. Na sua adolescência viveu em Jaboatão, jogando futebol em campos de peladas; com os colegas. O que possibilitou uma experiência com meninos camponeses, urbanos, filhos de operários, meninos que moravam em córregos e morros. A partir daí Freire passou a compreender o outro. Ele aprendeu a respeitar as diferenças individuais de cada pessoa com tanto sofrimento no seu cotidiano. Já em Recife passa a estudar no Colégio Oswaldo Cruz (COC). O que mais tarde tornou-se professor de língua portuguesa nesse mesmo colégio, além de ingressar na faculdade de direito bacharelou em 1947 (DULLO, 2014).

Ainda segundo o autor, foi nesse mesmo período, que teve uma experiência frustrada na advocacia, pois não conseguia cobrar os seus serviços às pessoas com dificuldade financeira, pois se recordava de sua própria vida, além disso, não conseguiu atuar como advogado por não se ver capaz de fazer julgamento ao próximo. Após esse ocorrido iniciou seu trabalho no Serviço Social da Indústria - SESI e na Universidade de Recife.

Freire foi um dos pioneiros na educação popular, assim se vinculou ao Movimento Popular no meado de 1962 por estar inconformado com mazelas que os menos favorecidos estavam passando, tal movimento tinha como tema “Aliança para o Progresso” como formar que repudiar as atitudes do governo. Assim, “Em protesto à exploração ao povo, Freire resolveu não mais recuar, a não mais calar. Porque o povo estava vivendo dentro de um contexto sem voz e sem vez” (FERNANDES, 2019, p. 27).

Em 1963, Paulo Freire é chamado à Brasília para coordenar, no Ministério da Educação e Cultura, a criação do Programa Nacional de Educação. Com o golpe militar de 1964, todos os seus trabalhos de mobilização popular foram reprimidos. O educador ainda foi acusado de subverter a ordem pelo fato de lutar e defender a necessidade de campanhas de alfabetização, as quais visavam a formação crítica e cidadã dos menos favorecidos socialmente. Em decorrência disso, Paulo Freire foi preso e exilado por mais de 15 anos. (REIS, 2012, p. 19).

Pode se dizer que foi a partir de seu envolvimento que desencadeou toda sua ativez em expressar sua insatisfação e desprezo de como a sociedade era dividida em classes, e como essas classes subjugava as “minoritárias” intituladas pelos próprios “opressores”. Desse modo, exprime por meio de sua obra mais primorosa “Pedagogia do Oprimido” sua indignação contra estes malefícios exercidos na sociedade, obra esta que foi escrita entre os anos 1967-1968 durante seu exílio no Chile (DULLO, 2014).

Enquanto esteve fora do país, Freire trabalhou como professor na Universidade de Harvard, e por dez anos foi consultor no departamento de educação do conselho Mundial das igrejas em Genebra (Suíça), além do que assessorou vários governos de países em desenvolvimento em planos educacionais principalmente países africanos (EMMERICH; FAGUNDES, 2016).

Ainda retratando a vida de Freire, de acordo com Reis (2012), ele retorna ao país em 1980 e assume um cargo de professor na PUC – SP e Unicamp. Entre os anos de 1989 e 1991, trabalhou como secretário da Educação da prefeitura de São Paulo. Autor de várias obras, o que lhe conferiu 39 títulos Doutor *Honoris Causa* devido a sua grande importância como educador nacional e também, mundial. Em 2 de maio de 1997, o pai da pedagogia libertadora vem a óbito devido um infarto agudo do miocárdio. Uma figura épica do Brasil e do mundo que mudou cenário da

Educação deixando um legado inestimável que contribuiu e ainda contribui com a formação humana. Algumas de suas publicações são:

Educação como prática da liberdade; Pedagogia do oprimido; Extensão ou comunicação?; Ação cultural para a liberdade; Educação e mudança; Cartas a Guiné-Bissau; Conscientização: teoria e prática da libertação; A importância do ato de ler; Política e educação e Educação na cidade (Estes dois últimos livros reúnem algumas entrevistas suas quando era Secretário da Educação. No livro Política e educação, há também algumas conferências recentemente pronunciadas nos USA e na Europa); Pedagogia da esperança – uma releitura de Pedagogia do oprimido; Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (FREIRE, 1996, p. 57).

Segundo Scocuglia (1999, p.10), os livros “Pedagogia do Oprimido” e “Educação como Prática da Liberdade foram inscritos nos seus primeiros quatro anos de exílio no Chile, fazendo uma reflexão sobre os aspectos da alfabetização. Pedagogia do Oprimido é uma carta de repúdio aos métodos opressores que se estabelecidos no momento, sua filosofia de educação se baseava na emancipação do indivíduo, na aquisição de conhecimento de mundo e de si para que pudessem resistir e superar os processos de dominação estabelecidos. A obra analisa que educação e pedagogia sempre tiveram carregados de politicidade, como escolhas, decisões e lutas, além disso, frisa uma pedagogia da reflexão da prática educativa.

Sob esse viés, Freire (1987, p. 22) afirma em seu livro Pedagogia do Oprimido que, “é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta para sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter, nos próprios oprimidos que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos”.

Em sua obra *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* se destinava aos professores de modo geral, mas especialmente a alunas do magistério do ensino primário, tinha como propósito sensibilizar a comunidade de que o profissional devia ser mais consciente e eficiente na execução na profissão. Em *Cartas a Cristina* (se destinava a sua sobrinha Cristina quando ele estava no exílio, mas só dez depois foram concluídas), seu quinto livro escrito depois que deixou a secretaria de educação de São Paulo, retratava as dificuldades vivenciadas por famílias na década de 30 e questões éticas estabelecidas nas relações afetivo-epistemológico-ideológica’ do professor-orientador com o aluno orientando.

À sombra desta mangueira, publicado em 1995 é uma obra de reflexão, de aprendizagem, de olhar para as origens, de pensar na transformação. Analisar as origens permite o repensar das ações no hoje, assim àqueles que acreditam num

mundo mais justo, onde a formação técnica, científica e profissional é tão importante quanto o sonho e a utopia precisam passar por esse processo (FREIRE, 1996, p.57).

Ainda neste contexto, de acordo com Scocuglia (1999, p. 11), nos anos oitenta Freire fez parcerias com outros intelectuais e escreveu várias obras “dialógicas” dentre eles são: com Ira Shor (Medo e Ousadia - O cotidiano do professor); com Antonio Faúndez (Por uma pedagogia da pergunta); com Moacir Gadotti e Sergio Guimarães (Pedagogia: Diálogo e Conflito); com Frei Betto (Essa escola chamada vida). Em 1993 publica o livro *Política e Educação* ressaltando a importância da educação em período marcado pelo niilismo em que há uma sociedade excludente e predadora sobre aqueles minoritários.

O autor ainda destaca outras obras importantes escritas por Paulo Freire como ver a seguir:

Sobre Educação - Vol. I e II (1982b e 1984d) e Aprendendo com a Própria História (1987b) com Sérgio Guimarães; Pedagogia: Diálogo e Conflito (1985a) com Sérgio Guimarães e Moacir Gadotti; Por uma Pedagogia da Pergunta (1985b) com Antonio Faúndez; Essa Escola Chamada Vida (1986b) com Frei Betto; Medo e Ousadia - O Cotidiano do Professor (1987a) com Ira Shor e Na Escola que fazemos... (1988) com Adriano Nogueira. A Educação na Cidade (1991) - livro que contém reflexões sobre os desafios enfrentados por Freire na Secretaria Municipal da Educação de São Paulo (SCOCUGLIA, 1999, p. 27).

Para complementar as obras dialógicas de Freire (1996) acrescenta que *Sobre Educação* (Vol. I e II) e também *Aprendendo com a própria história* (Vol. I) foi escrita em parceria com Sérgio Guimarães; *Teoria e prática em educação popular*, com Adriano Nogueira; *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, com Donaldo Macedo e *We Make the Road by Walking*, com Myles Horton.

É importante salientar que Freire em suas obras exterioriza o seu sonho de uma utopia democrática, tinha convicção de que é possível construir uma sociedade democrática e justa, e que para isso o educador tem um papel primordial na transformação da sociedade, tornando-se assim educadores-políticos que tem a incumbência dessa tarefa.

Paulo freire foi um marco para educação brasileira, seus estudos e métodos que aplicou, nos anos de 1960, foram precursores de uma era que mudou a história da educação, principalmente em relação à alfabetização no país, tendo em vista que seus índices eram alarmantes e até o presente momento o governo não tinha uma

política educativa que reverteresse o caso. Quando então, surgir o método de Freire, há uma reviravolta que em pouco tempo o número de analfabeto decai drasticamente, revelando assim o sucesso de seu método.

Por mais que tenha feito história com o seu sistema de ensino, até então bem sucedido, há quem o acusem de educador subversivo dos desfavorecidos. É bem verdade que foi mais reconhecido internacionalmente do que pelo próprio país de origem, o que evidencia que o educar para mundo e ter visão de mundo ainda é pouco difundida na educação brasileira, uma das teclas muito apontada por Paulo Freire, tendo em vista que o ser humano deve fazer parte do meio, entender e transformá-lo. “Por isso mesmo que o existir é um conceito dinâmico. Do homem com o mundo, do homem com o seu Criador. É essa dialogação do homem sobre o mundo e com o mundo mesmo, sobre os desafios e problemas, que o faz histórico” (FREIRE, 2011, p. 82).

2.2.2 Legado à prática educativa

Ao analisar o retrospecto do processo educacional como um todo, verifica-se que o acesso à escola era privilégio de poucos, reservado principalmente para pessoas de classe média alta, claras e de bom prestígio em meio à sociedade. Diante do exposto, nos anos 60 não era diferente, pois a educação predominantemente elitista, dessa forma, surge à figura de Paulo Freire que contrapunha essa prática.

Sua voz ecoava em busca de uma educação mais justa e igualitária que alcançasse as classes minoritárias para que assim pudessem ter a oportunidade de escolha. Haja vista que o analfabetismo no Brasil era muito presente e os dados eram alarmantes, assim, com intuito minimizar o problema propõe um método que partisses a partir dos conhecimentos dos próprios educandos.

Nos anos 1960, em pleno vigor do populismo e do nacional-desenvolvimentismo, como integrante do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, elaborou uma proposta de alfabetização para os adultos que partia do seu "universo vocabular" e do cotidiano de seus problemas, para gerar palavras, sons, sílabas, fonemas e, com elas, ensinar a ler e escrever em pouco tempo. Essa metodologia pretendia ser "rápida, moderna e barata" e, em 40 horas, alfabetizar os adultos que, assim, poderiam "ler melhor o mundo" e, inclusive, adquirir o direito de votar, de escolher (o que até pouco tempo foi vedado aos analfabetos) (SCOCUGLIA, 1999, p. 8).

O método popular de Paulo Freire tinha como objetivo conscientizar as pessoas do seu papel na sociedade por meio da educação entendendo que ela quebra paradigmas e exterioriza as ações opressoras permitindo a recuperação de sua humanidade.

A partir do momento que o ser humano percebe-se que é um “oprimido” por causa das forças capitalistas, só por meio do conhecimento que pode se libertar. Nisso em enfatiza quando diz “a superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela” (FREIRE, 1987, p. 21).

Ainda sobre essa abordagem, ele observou as dificuldades vivenciadas pelo povo, elaborou um projeto educacional que suprisse essa necessidade de imediato e em pouco tempo, pois em prática. Seu projeto era alfabetizar coletivamente homens e mulheres, seu propósito não era apenas na obtenção de palavras ou conceitos matemáticos, mas, na tomada de consciência e conseqüentemente sua liberdade. Como afirma Scocuglia (1999, p. 37), “a ultrapassagem da consciência ingênua-mágica em direção à consciência crítica, constituía o próprio cerne do binômio alfabetização de adultos-conscientização”.

Vale ressaltar que a educação era tradicionalista em que a metodologia estava fundamentada na memorização mecanizada das palavras e fórmulas, além disso, o aluno não tinha nenhum papel em seu processo de ensino aprendizagem, era um mero telespectador que não tinha a oportunidade de opinar ou contrapor os argumentos dos professores. Diante disso, Freire chamou esse processo de educação “bancária” em que todos os conteúdos eram depositados nos alunos sem qualquer forma de contexto ou relacionado com sua realidade.

Ainda nessa perspectiva, a educação conteudista adotada na época limitava a aprendizagem dos alunos, pois não tinha concepção de si e de mundo, uma das ênfases questionada por Freire em seu discurso. Assim, denominava de “bancária” entendendo que professor só faz depósito sistemático do assunto, sem levar em conta o conhecimento prévio do aluno, era mero consumidor e reproduzidor de conhecimento, o docente não permitia e nem propiciava meios para que o educando tivesse uma parcela de contribuição na construção de si próprio e na transformação do mundo.

Na visão freireana, a educação é a ferramenta mais poderosa para a igualdade social, pois é por meio do conhecimento, que o ser abre sua mente e

amplia sua visão de universo o tornando um ser crítico e consequentemente autônomo. Por isso afirma a capacidade igualitária que a educação pode favorecer as pessoas, passando de simples telespectadoras para protagonista de sua história.

Vale ressaltar, que a sociedade vigente naquele momento era pautada pelo tradicionalismo e subjugava as classes inferiores de maneira a alienar o entendimento das pessoas bloqueando qualquer possibilidade de liberdade de expressão ou conhecimento. A verdade é que quanto mais alienado mais fácil de controlar e impor suas convicções.

O método freireano preconizava os aspectos culturais, sociais e humanitários do educando, tendo como ponto de partida para execução da prática pedagógica, em primeiro momento era realizada uma entrevista com os alunos para averiguar que tipo de grupo aquelas pessoas pertenciam, a partir desse momento era feito um planejamento que viesse de encontro com aquele público.

Todo o processo começava por meio de uma palavra geradora que norteava o aprendizado sempre uma palavra do cotidiano do aluno, e desta palavra era trabalhado as famílias que compunha aquela palavra e partir dela eles tinham a liberdade para compor outras novas, esse processo era conhecido como “rodas de conversas”. Em seguida são organizados os círculos de cultura, constituídos de grupos pequenos sob a coordenação de um animador, que pode ser um professor ou um companheiro já alfabetizado (ARANHA, 2006, p. 274).

A visão de Freire entende que, para bom desempenho educacional do educando exige uma relação de confiança entre professor-aluno e vice-versa, tendo em vista que o aprendizado se constrói mutuamente “que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico” (FREIRE, 1996, p. 41). Logo, o conhecimento só faz sentido para o aluno quando consegue transformá-lo e ele o mundo.

Diante do pressuposto o diálogo deve ser uma das ferramentas mais utilizadas pelo docente em sala de aula, ao mesmo tempo em que permite que seus discentes tenham a autonomia de expor suas opiniões e visões de mundo, além disso, abre caminho para que seja sujeito ativo em sua aprendizagem, uma das pautas questionadas por Freire que o mesmo precisa ser atuante e não mais passivo.

O diálogo de que nos fala Paulo Freire não é um diálogo romântico entre oprimidos e opressores, mas o diálogo entre oprimidos para a superação de sua condição de oprimidos. Esse diálogo se supõe e se completa, ao, mesmo tempo, na organização das classes, na luta comum contra o opressor, portanto, no conflito (FREIRE, 1979, p.13).

A pedagogia transformadora de Paulo Freire preconizava na libertação do educando de suas concepções exíguas sobre o mundo e expandi novos caminhos, para o leque de oportunidade que o saber pode oferecer ao ser humano, entender que quando conhecer sua condição e/ou o que é, a partir daí ser capaz de opinar e mudar o que está ao seu redor.

Paulo Freire também alude essa vertente de o papel do docente em fazer pedagógico, seja de propor situações problemáticas e complexas para que o educando desenvolva a capacidade de se autoconhecimento e descobrir o novo. Assim afirma que “a prática educativa constitui em uma situação gnosiológica, o papel do educador problematizador é proporcionar, aos educandos, as condições de que se dê a superação do conhecimento no nível da ‘doxa’ pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá, a nível dos ‘logos’” (FREIRE, 1987, p. 40).

Quando a prática docente se baseia em uma atitude autoritária, dificulta ou inibe a curiosidade do aluno a respeito do assunto. Isso prejudica tanto o rendimento escolar do discente quanto ao exercício da docência. Por isso há necessidade de relação de reciprocidade entre docência-discência, ambos se completam e se concretizam na educação.

Essa relação de reciprocidade só estabelecida por meio do diálogo firmado entre as pessoas, como bem afirma Freire (1979, p. 28), “o homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca”. Portanto é imprescindível essa relação dialógica democrática em diferentes espaços de vivências e experiências de aprendizagens que o sujeito pode sofrer no decorrer do processo. Isto constitui uma prática para a liberdade que tanto é defendida por ele, faz jus que o educando tome as rédeas do seu saber e não apenas ser domado por um sistema ou tradicionalismo que exima o seu crescimento.

Contudo, “não há educação sem amor. [...] Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita” (FREIRE, 1979, p. 29). Portanto, para o exercício da função cabe amor pela profissão, prática e os sujeitos que a compõe, diversos são os desafios enfrentados no cotidiano

escolar, mas para que possa ter resultados satisfatória há a necessidade de docentes comprometidos, envolvidos e desejos com a formação humana que se propõe a todo instante. Não há espaço para uma educação vazia e rúptil que conjecture uma sociedade.

Segundo Aranha (2007), Paulo Freire defende a autogestão pedagógica (onde o aluno tem autonomia de decidir a respeito dos métodos, das atividades escolares e dos programas de formação que serão utilizados na aula), no qual o professor é o animador do processo educativo, não sendo mais o transmissor das informações, mas analista do processo de aprendizagem ou perito à disposição da classe. Dessa forma, elimina o autoritarismo que outrora era presente no espaço escolar e permitindo uma nova configuração da prática docente.

[...] Não posso ser professor sem me por diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser o que realmente estou sendo (FREIRE, 1996, p. 59).

Conforme anteriormente referido, uma das indagações externadas por Paulo Freire é a similaridade que deve haver entre o discurso e caráter (sendo o professor um sujeito que transmite por si só uma mensagem, então que seja coerente com sua prática), pois é um agente influenciador sobre seus telespectadores, porém deve ser para o bem e bom andamento do desempenho da docência e instrução do educando.

A escola da liberdade e criatividade pressupõe alterações na forma e nos conteúdos dos currículos escolares, assim como o processo de formação dos docentes, que não pode se resumir à aquisição de conhecimentos em domínio exclusivamente acadêmicos, mas deve-se adentrar no mundo das comunicações. Parte-se do suposto que o rendimento escolar deve-se, sobretudo, à qualidade das relações entre docentes e educandos (GOHN, 2011, p.116).

Nessa perspectiva, é primordial que o ambiente escolar promova uma interação harmoniosa e produtiva contribuindo de maneira satisfatória na instrução acadêmica, em que os currículos estejam fundamentados em metodologia mais dialógica e democrática na prática dos discursos, além do que possibilite a autonomia do educando na toma de decisão.

Para essa tomada de consciência é necessário questionar qual a relação existente entre processo educador de Jesus Cristo e de Paulo Freire, tendo em vista que se distanciam por tantos séculos, mas que há semelhanças em seus métodos pois ambos têm sentido “pro-vocador, partindo da vida para levar à vida: um mergulho crítico na realidade que violenta o humano, em vista de um emergir consciente de ser força transformadora” (SILVA, 2006, p.118). Só pode mudar a sociedade conhecendo em sua plenitude, assim, os indivíduos precisam estar a par da situação que os constitui.

2.3 PRÁTICA DOCENTE TRANSFORMADORA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO HUMANIZADA

Ao longo dos anos, a sociedade passa por diversas transformações que refletem na educação. A constituição de família era pré-determinada, composta por pais que conviviam para educação e formação do caráter no lar, a figura paterna era responsável por sustentar a família e a materna estava vinculada aos cuidados da casa e dos filhos. Entretanto, essa configuração mudou, os pais precisam trabalhar fora e a socialização com os filhos é rara, dessa forma, há entraves na aprendizagem da criança quanto aos princípios de valores, caráter ou/e habilidades de sociais em casa.

Além disso, as famílias monoparentais são cada vez mais frequentes e a duplicidade de tarefas acaba comprometendo na educação dos infantes. Os desafios do cotidiano fazem com que os progenitores participem menos na execução de atividades escolares e ensinamentos de responsabilidade social. Por consequência disso, os docentes têm que lidar um público menos socializado, e muitas das vezes, indisciplinados e desmotivados.

Um dos desafios presente neste século acontece pela necessidade dos professores levarem seus alunos ao raciocínio e não apenas à memorização, ou seja, para uma compreensão mais ampla sobre os conteúdos ministrados. Entender a importância dos conceitos na formação e visão de mundo, haja vista, que a memorização de conceitos, fórmulas, estruturas entre outras, que perpassam os conhecimentos de várias áreas do ensino não são suficientes, mas, o docente precisa explicar de forma clara e qual contribuição daquele conteúdo, nesse sentido

Freire (2011, p.117) adverte que, se necessita “de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”.

Nesse cenário, para ser um professor transformador é necessário antes entender que a escola não é um espaço neutro, apenas de instrumentalização, porém, sobrecarregado da relações interpessoais estabelecidas e convicções pessoais que nem sempre externadas.

É imprescindível, portanto que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de "amaciá-la" ou "domesticá-la". É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de achar e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso por outro lado e, sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor (FREIRE, 1996, p. 78).

A escola precisa oportunizar a desumanização estabelecida pela sociedade, ela deve ser uma quebra desses paradigmas imposto sobre o menos favorecidos, seu trabalho precisa ser estabelecido uma parceria entre família e comunidade com a finalidade de promover a humanização de seus educandos. Segundo Pedrosa (2015, p. 109) é possível à construção de ser humano que a partir do conhecimento busque uma vida prazerosa compreendendo a si e o outro, no qual possa desconstruir conceitos autoritários e comandos de uma educação capitalista, que por consequência produz conformismo e estagnação da formação humana.

O diálogo tem se mostrado um método eficaz no processo de trabalhar com o estudante para aquisição dessas habilidades, pois parte de uma situação problema e estimula os alunos na solução da problematização. Nessa estratégia metodológica, todo o docente é apenas o orientador da conversa, da interação e a resolução se dará por parte dos alunos, explorando suas vivências, conhecimentos empíricos ou científicos. Assim, o diálogo é uma forma criativa porque requer do educando uma capacidade rápida de captar a mensagem, interpretá-la, solucioná-la e argumentá-la com as demais.

Um diálogo vivo é criativo por que é espontâneo e favorece o talento dos falantes que incorporam as informações e criam outras. Ele pode causar transformações internas nas pessoas a ponto de fazê-las deixar uma parte de si mudar e ajustar ao outro (MORETTO, 2006, p. 40).

Para tanto, cabe ao professor, nesse processo, se adaptar as interferências que sofre e se adequar à realidade. Nesse aspecto, Moll (1996, p.157) argumenta

que, a prática pedagógica precisa constantemente se “desinstalar, desestruturar, desequilibrar as hipóteses cognitivas dos educandos, [...] no processo pedagógico, reinstalá-las, reestruturá-las e reequilibrá-las em patamares qualificados”. Com efeito, o processo educacional está em constantes mudanças e o fazer pedagógico também precisa passar por essa situação e contextualiza-se.

[...] Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistia validade do ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode realmente aprendido pelo aprendiz. (FREIRE, 1996, p.12).

Assim, percebendo que todo aprendizado adquirido pelo educando é possível de transmiti-lo se de fato foi internalizado por ele, tendo a ciência que os conceitos são fixados na mente quando é repassado por aquele que aprendeu, logo, o processo de ensino se torna eficaz quando o educando tem a capacidade de disseminar a outrem aquilo que aprendeu.

Para o educador promover mudanças nos educandos faz-se necessário compreender a humanidade que o rodeia, utilizar metodologias contextualizadas a partir da realidade identificada. Também precisa incentivar a arte de pensar em seus alunos, para compreender as situações do mundo contemporâneo.

Um bom mestre transmite o conhecimento com dedicação, enquanto que um excelente mestre estimula a arte de pensar. Um bom mestre procura seus alunos porque quer educá-los, mas um excelente mestre lhes aguça tanto a inteligência que é procurado e apreciado por eles. Um bom mestre é valorizado e lembrado durante o tempo de escola, enquanto que um excelente mestre jamais é esquecido, marcando para sempre a história de seus alunos (CURY, 2012, p. 92).

A partir do exposto, compreende-se que o mestre por excelência é aquele que consegue em sua explicação prender a atenção do aluno e levá-lo à compreensão mais profunda do conhecimento. À medida que o assunto é exposto o aluno consegue trilhar o pensamento traçado, a aula se torna um desafio constante por caminhos de aprendizado, experiências, dúvidas ou mesmo incertezas.

A capacidade humanizadora, que parece ser própria imanência do ser humano, consiste em superar a estreiteza da observância de regras e do mero enquadramento ou ajustamento a operações lógicas, rígidas e cartesianas. A capacidade da corporeidade e da inteligência foi

subestimada e continuará sendo assim se dermos continuidade ao processo de submissão dos alunos aprendentes às lógicas cartesianas de linguajar duro e mecânico, sem atribuir-lhes a ideia de rede de interconexões, interdependências e autoconsistência (STRIEDER, 2004, p. 217).

Nessa abordagem, o autor faz uma crítica ao sistema estabelecido no ensino brasileiro, advertindo que os professores devem mudar essa triste realidade, por meio da promoção de uma educação da emancipação do ser humano habilitando-o para tomar suas próprias decisões e reflexões diante da realidade. O conhecimento de mundo é tão importante quanto o científico, pessoas alienadas educam outras a também a serem, logo, há a necessidade de reverter esses paradigmas e não estar preso há uma concepção que ofusca a visão dos indivíduos.

Na prática da docência a formação continuada fornece subsídios teórico-práticos e é a base para subsistência de seu fazer pedagógico. Cabe ressaltar que o planejamento de um currículo deve compreender uma criticidade, organização e relacionar o objeto do conhecimento com a realidade. Para isso, a relação dialógica estabelecida em sala de aula tem a premissa de buscar por uma sociedade distinta que prive pela igualdade e diversidade cultural.

Pensar a vida é pensar gente, é possibilitar-lhe a autoconstrução, a autopoiese. A efetiva construção de seres humanos é viabilizar a interação plena de sua corporeidade. Exteriorizar o potencial auto-organizativo por meio da comunicação argumentativa e do prazer de sentir a sua própria sentença, por meio de ações concretas e modificadoras do mundo dado (STRIEDER, 2004, p.42).

Assim sendo, a realização do pensar possibilita ao ser humano sua construção e o descortinar em relação ao mundo que o cerca, permitindo revelar seus argumentos e defende-los com parte própria de sua existência. Mesmo o professor-orientador permitindo que o aprendizado flua de maneira natural em sala de aula, no qual os atores principais desse processo são os próprios alunos, ele ainda é uma pessoa que precisa ser respeitada e reverenciada pelo que pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem.

Com efeito, permitir uma educação emancipadora e humanizada não é reduzir a importância ou a contribuição desse profissional, mas, colocado como o mediador desse processo favorecendo autonomia de seus educandos. Logo, é imprescindível à efetivação de uma educação humanizadora possibilitando a todos a aquisição de seus direitos e deveres perante a sociedade.

Nos dias atuais, as pessoas são cada vez mais influenciados e envolvidos pelas mudanças rápidas dessa era digital. Com o avanço da tecnologia e a globalização é imprescindível que a forma como as escolas promovem o ensino devem ser repensadas. Diante disso, a educação humanizada é uma proposta que tem muito a contribuir com a escola, professores, alunos e a sociedade como um todo, tendo em vista que sua metodologia privilegia a subjetividade do educando (considera a individualidade de cada sujeito como completo, com anseios, sonhos, frustrações, medos), por isso precisa ser compreendido.

O método tradicional estabelecido nas escolas brasileira para um público que está altamente informatizado e envolvido com a tecnologia, não é maneira mais apropriada para formar cidadãos aptos a viverem plenamente na sociedade. A escola, depois da família, deve ser um ambiente que auxilie diretamente na construção do intelecto, psicológico e físico do aluno de acordo com a realidade.

A partir dessa compreensão, pode se perceber que a metodologia de Paulo Freire preconiza a individualidade do educando para sua formação, sempre elencando seu cotidiano com o aprendizado, sua prática era voltada para a realidade do aluno e a partir daí trabalha os conhecimentos necessário para sua instrução. Dessa forma, individualizar a educação e compreendê-lo em seu íntimo permite que ele cresça e potencialize suas características únicas e pessoais.

No processo de uma educação humanizada, o discente se sente acolhido e respeitado como se estivesse em casa. Tendo essa receptividade se senti livre para expor seu conhecimento, para conhecer-se melhor, para descobrir suas potencialidades e habilidades e assim desenvolvê-las. Uma escola humanizada preocupa-se em compreender sua clientela individualmente e procura meios para seus alunos se desenvolva e promove meios para encorajá-los nesse processo.

E ao analisar a prática de Jesus, observa-se um homem preocupado em com o sujeito (em sua individualidade) que se encontra em diversos problemas psicológicos, físicos, emocionais entre outros, e propõe por meios de parábolas ensinamentos que levam o ouvinte uma reflexão e potencialização da autoanálise, e a partir disso o ser humano possa trilhar o seu próprio caminho. Esse tipo de ensino leva considera o simples e singular, mas com um ganho intelectual muito extenso capaz de construir uma formação integral no educando para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Cristo era um agradável contador de histórias, paciente e carismático na arte de pensar. Era um privilégio estar ao lado dele. Cativava até os seus opositores. Transmítia ensinamentos complexos com histórias simples. Estava sempre contando uma história que pudesse atrair as pessoas e estimulá-los a pensar (CURY, 2012, p. 112).

Cabe ressaltar, que quando um aluno se sente valorizado, por suas ideias serem ouvidas e levadas em consideração, ele se sente motivado a buscar mais. Ter curiosidade e desenvolver curiosidade foi o que precursor na evolução humana e sem ela nada seria possível.

Quando se averigua a evolução humana até o presente é possível verificar que o autodesenvolvimento foi estabelecido pelo espírito de descoberta e curiosidade no ser humano. A vontade de conhecer o desconhecido permitiu que a raça humana alcançasse um crescimento que seria impossível de prever, e quando promove uma educação que instigue no educando essa capacidade de permiti que ele faça descobertas ou crie algo novo para humanidade.

Quando o indivíduo adquire a capacidade de dominar seus próprios pensamentos e anseios é um indivíduo livre. Capaz de compreender a sociedade e atuar de forma a contribuir de maneira significativa para mudar e transformá-la. Diante disso, Freire defendia com veemência o papel fundamental da educação propiciar meios para os sujeitos adquirissem essa capacidade de compreensão do mundo e sua situação diante dele.

Uma escola que almeje o desenvolvimento do educando deve possibilitar instrumentos que o educando consiga o autoconhecimento e saiba enfrentar desafios e frustrações, o que resultará em indivíduos mais independentes e autoconfiantes. Conforme anteriormente referido, afirma Andreola (2018, p. 39) que, “emotividade, sentimento, afetividade, como elementos essenciais no processo do conhecimento e da educação”. Uma educação mais humanizada que respeita e prioriza o direito do outro, pode diminuir os casos de violência, abusos e/ou *bullying* na escola, pois quando se compreende a noção do mal que se causa no outro já que em dado momento pode ser o próprio ser.

Um espaço com conversas francas, confortável e seguro para expor opiniões pode fazer toda a diferença na superação das desigualdades. Poder se expressar livremente, sem medo de julgamento é o primeiro passo em direção à liberdade. Liberdade essa tanta questionada por Jesus Cristo e Paulo Freire, seja da opressão sofrida pela sociedade como a autopunição cultivada no próprio ser por não

entender o seu papel, logo, essa educação resulta em uma vivência mais pacífica e seus efeitos são sentidos positivamente na sociedade.

Em uma sociedade cada vez mais egoísta, falar de empatia entre as pessoas parece ser uma utopia, mas se realmente o indivíduo quer fazer a diferença como educador, precisa ser e ensinar ser empático com o semelhante. Essa habilidade leva as pessoas se unirem na luta contra os preconceitos e opressões sofridas.

Ao analisar os educadores deste estudo, percebeu-se que ambos tem a mesma visão a respeito do assunto, como menciona Fernandes (2001, p. 40), “Jesus queria realmente resgatar a identidade de cada ser humano, para a sua sobrevivência digna, ser pessoa capaz de decidir sua vida, ser livre e solucionar seus problemas”, e também Andreola (2018, p. 54) frisa a importância do combater a discriminação: “Paulo Freire, um educador que dedicou toda a sua obra e sua vida à luta contra todas as formas de opressão, via o amor como força motriz e inspiração fundamental desta sua utopia da libertação”.

Considerando todos os aspectos mencionados, os educadores Jesus Cristo e Paulo Freire tem semelhanças em sua prática de ensino, dotados de uma eloquência singular, e poder de transmitir conhecimento profundo e significativos de forma simples e clara, que pudessem ser compreendidos e até ser transmitidos pelos próprios ouvinte às outras pessoas.

Em suas metodologias utilizavam pouca ou quase nenhum material didático, mas não comprometia o aprendizado. Sempre fundamentado em linha dialógica respeitando e possibilitando a interação dos educandos, dando notoriedade as suas opiniões e vivências e a partir deles produzir novos conhecimentos. O amor ao próximo pode ser notado nas duas pedagogias o que os torna incomuns, sempre defendendo a empatia e autoconhecimento que precisa ser adquirido pelo ser humano.

Há um discurso sobre o estado de opressão que as pessoas precisam conhecer e se libertar para o que o intelecto seja desenvolvido. Segundo está descrito na Bíblia (Jo. 8: 32), “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, o conhecimento gera liberdade: dos paradigmas impostos pela sociedade; do saber; do autoconhecimento; do poder de transformação e constatação da realidade.

Fica evidente que para adotar essa educação mais humanizada é imprescindível uma formação continuada dos docentes, tendo em vista obter maneiras inovadoras de inserir a responsabilidade social no contexto escolar.

3 CONTRIBUIÇÕES DOS ENSINAMENTOS CRISTÃOS E EDUCAÇÃO FREIREANA À PRÁTICA DOCENTE: OLHARES DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ITAITUBA-PA

3.1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O processo de investigação desse estudo ocorreu em dois momentos. Primeiramente, apresenta-se um procedimento técnico com a pesquisa bibliográfica, que foi realizado por meio de levantamento bibliográfico acerca do tema, assim como visita a sites e consulta de artigos e revistas. Tendo por base a estruturação do estudo baseou-se em alguns autores dentre eles, Aranha (2006), Brasil (2018), Cury (2012), Dullo (2014), Fernandes (2001), Freire (2001; 1996; 1987; 1979), Scocuglia (1999), Strieder (2004), Tardif (2007) e White (2012).

Adotou-se uma abordagem qualitativa, pois segundo Ludke e André (1986, p. 126), “nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”, partindo-se da análise dos dados por processo indutivo, em que os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas previamente.

À vista disso, o segundo momento foi procedido por pesquisa empírica, realizada por meio da aplicação de um questionário com uma amostra dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-PA, no intuito de conhecer as concepções dos entrevistados acerca das contribuições de Paulo Freire e Jesus Cristo para a prática e formação docente. Ainda segundo Gil (2002, p. 120) afirma que, esse tipo de pesquisa permitir ao investigador obter uma gama de dados muito mais ampla do que como uma pesquisa direta, pois possibilita aos entrevistados esclarecer de maneira sucinta sobre os questionamentos apresentados.

A pesquisa de campo foi realizada na Faculdade de Itaituba (FAI) com os acadêmicos de pedagogia, em que utilizou-se de um questionário com 9 (nove) perguntas as quais continham objetivas e subjetivas. As perguntas propostas visam detalhar qual a importância, as dificuldades, os métodos e as contribuições de Jesus Cristo e de Paulo Freire para a prática docente.

Para a realização da pesquisa foram entrevistados trinta e três (33) acadêmicos das turmas de 5º, 6º, 7º e 8º períodos do curso de pedagogia. Sendo 5

(cinco) do quinto (5º) período, 6 (seis) do sexto (6º), 9 (sete) do sétimo (7º) e 13 (treze) do oitavo (8) período do curso. Vale ressaltar que foram entregues setenta (70) questionários, porém somente 50 (cinquenta) recebidos e apenas 33 (trinta e três) foram utilizados no estudo.

Os demais foram descartados por falta de conteúdo relevante à pesquisa ou ausência dele, o que demonstra uma falta de conhecimento em relação ao patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Além disso, não soube relatar sobre informações, desafios intrínsecos à prática docente, nem mencionar sobre as contribuições dos educadores do presente estudo.

A coleta de dados se procedeu em 3 (três) meses, nos meses de novembro e dezembro foi destinado para os acadêmicos do turno noturno e no mês de janeiro com estudantes do turno diurno da Faculdade. Dentre os entrevistados 23 (vinte e três) eram do sexo feminino e 10 (dez) do sexo masculino, ainda se procurou saber se dentre estes já exercia a profissão para isso foi constatado que 10 (dez) já estavam atuando em sala de aula e 23 (vinte e três) não, o que mostra que a maioria não exerce ainda a função, mesmo sendo estudantes.

Ainda sobre as características dos acadêmicos, procurou-se especificar as faixas etárias dos mesmos, como mostra o gráfico 1.

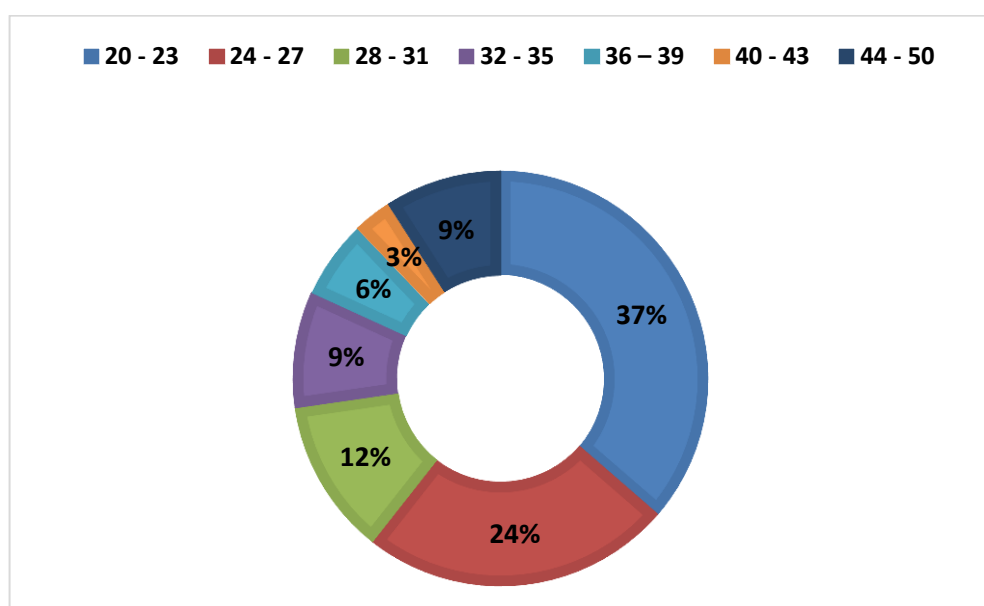


Gráfico 1. Faixa etária dos sujeitos da pesquisa. Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

Observa-se que a faixa etária dos questionados está entre 20 (vinte) e 50 (cinquenta) anos, o evidencia uma maturidade em relação às informações

propostas, tendo em mente que há uma experiência de vida que possa contribuir com a instrução e formação de cada um quanto acadêmicos e futuros profissionais.

Para se compreender melhor suas particularidades, investigou-se sobre as convicções, práticas e/ou não da religiosidade dos estudantes, assim obteve o seguinte resultado no gráfico 2.

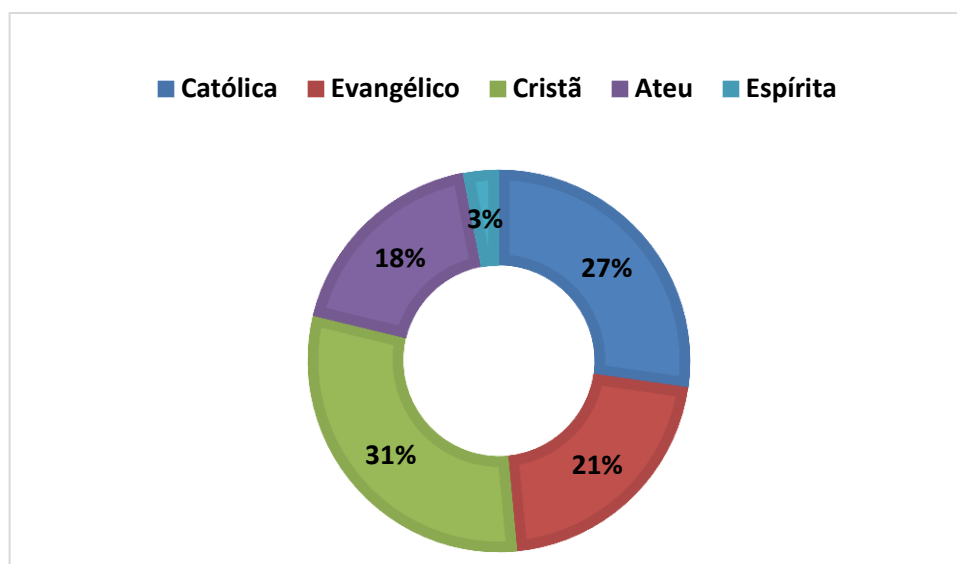


Gráfico 2. Qual sua religião? Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

Fica evidente que a maioria tem uma prática religiosa que se desmembra em diversas crenças presentes no meio religioso. Mas, cabe salientar que dentre esses há que se abstém de qualquer convicção religiosa, pois se considera ateu o que não leva em consideração a existência de um “ser” maior em relação à humanidade.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FAI

A faculdade de Itaituba com sede na cidade de Itaituba (PA) é uma entidade mantida pelo Centro de estudos Superiores de Itaituba – CESUPI. A instituição foi autorizada e credenciada em 15 de setembro de 2003 e deu início a sua atividade em 20 de outubro de 2003, com os cursos de graduação (Administração, Letras, História e Pedagogia, todos tiveram notas 3) e Pós-graduação “Lato Sensu” em docência para o magistério do ensino superior.

Tem como diretor geral da instituição o pro. MBA Abel Huyapum de Sá Almeida, pesquisadora institucional a prof^a Dr.^a Djalмира de Sá Almeida, coordenador

do curso de Pedagogia o prof. Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva e secretária, prof^a Esp. Margaret Ferreira de Aguiar.

O curso de Pedagogia foi autorizado pelo MEC pela (Portaria nº 2.560 de 15/09/2003) e o reconhecimento pelo (Portaria do MEC nº 21 de 12/03/2012), a última renovação de reconhecimento do curso ocorreu na (Portaria de nº 916 de 27/12/2018). Tem como finalidade de formar professores para docência na Educação Infantil e series iniciais do Ensino Fundamental e técnicos em educação: administração, supervisão, orientação educacional. Nessa abordagem, o curso oferece também aos pedagogos competências, habilidades pertinentes aos contextos não escolares.

Este Curso tem como objetivo formar profissionais para atuar em espaços de educação formal e não formal, entendendo que a instituição escolar e os diversos espaços em que a educação se manifesta. Tem intencionalidade de atender as demandas e necessidades sociais na área da educação, especialmente na formação de educadores do ensino básico para atuarem na região amazônica buscando melhorar a qualidade de ensino e a vida da população. O pedagogo tem múltiplas áreas de atuação o que favorece o seu ganho e contribuição com a formação da sociedade.

Neste curso procura criar uma identidade de pedagogo inovador e criativo em sua atuação, capaz de analisar, compreender e lidar com as mudanças da vida social e suas implicações que ocorrem na escola e no sistema educacional. A organização curricular e estrutura do curso de dar nos seguintes eixos: conteúdos básicos de formação geral; conteúdos relativos à atuação do pedagogo; atividades científico-culturais de enriquecimento curricular; prática pedagógica. No eixo de prática pedagógica está relacionado atividades de estágios, experiências de ensino (regência e co-regência), seminários, pesquisas, participação em projetos, organização de jornadas pedagógicas, oficinas, grupos de estudos, monitoria e atividades complementares.

Atualmente a faculdade possui 6 (seis) turmas do curso de pedagogia divididos nos turnos noturno e diurno com uma média de 200 acadêmicos. A Faculdade de Itaituba já formou 748 (setecentos e quarenta e oito) acadêmicos, que já estão atuando no mercado de trabalho. Além disso, esses formandos são bem conceituados em concursos prestados no âmbito educacional demonstrando a eficácia do processo de formação desempenhado pela academia.

3.3 OLHARES DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA

No processo de formação tem-se uma base muito teórica do fazer pedagógico e após a conclusão do curso, eis que surge a dúvida sobre a preparação para atuar no mercado de trabalho (educação formal ou não formal). Desse modo, na primeira questão dirigida aos acadêmicos de Pedagogia buscou-se saber: **O que você considera como seu maior desafio como futuro pedagogo?** No gráfico 3 encontra-se os relatos dos colaboradores dessa pesquisa.

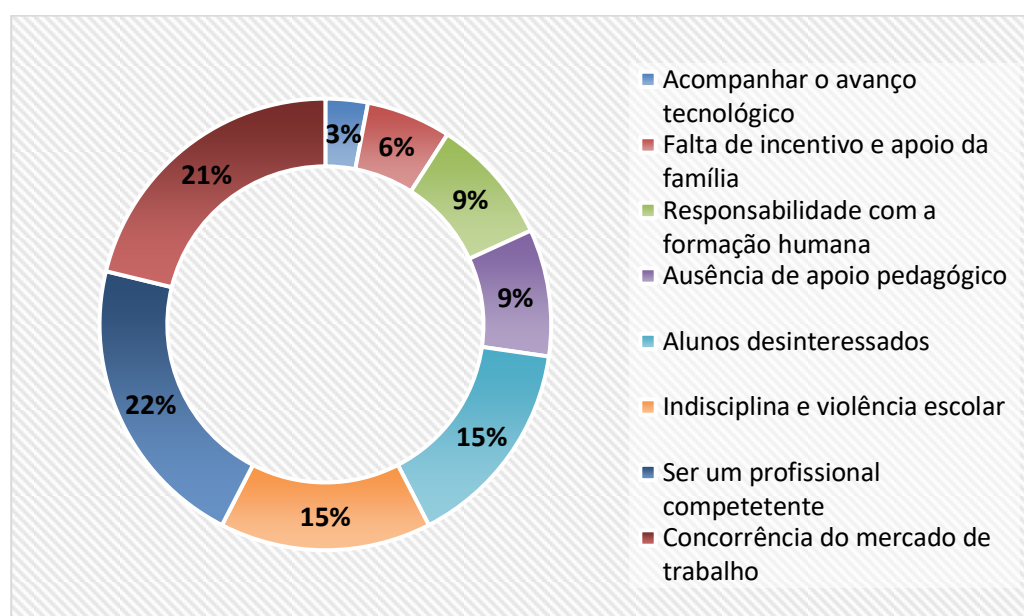


Gráfico 3. Maiores desafios como futuro pedagogo. Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

No contexto dos relatos expostos, observa-se que a maioria (22%) fala do desafio de conduzir a docência com competência e responsabilidade. Outros (21%) considera a concorrência de trabalho o maior desafio, tendo em mente que há uma grande quantidade de profissionais para número limitado de vagas ofertadas no município, o que dificulta o ingresso do recém-formado no mercado de trabalho.

Mas, além disso, outros (9%) afirmam que a responsabilidade da docência na formação humana há um peso sobre o professor, depois da família a escola (na figura do professor) e a segunda maior influência sobre a vida do educando e sobre sua formação de caráter. Outros (3%) consideram o fazer pedagógico de maneira eficaz e significativa na vida do aluno como o maior desafio, em que a sociedade está em constantes mudanças veem isso com um desafio a ser superando

constantemente, o que incita o professor está em busca de se inovar para melhorar. Como comenta o A33, que o maior desafio é obter o máximo de conhecimento para que possa ter habilidades em conduzir a aprendizagem de forma aproveitável e de bom rendimento para os alunos. *“E desta forma, lhes dar o necessário para que desempenhe o seu papel na sociedade em como ela exige e vem exigindo cada vez mais o domínio em diversas áreas do saber”*.

Outro fato bem relevante foi o fato de alguns mencionarem a falta de apoio de pedagógico (9%), ou seja, ausência de materiais didático insuficientes na escola para melhor atender o aluno, além disso, outros (6%) comenta que a família na escola tem um papel fundamental para a formação do filho e possibilitar essa participação conjunta com escola e família é um desafio a ser vencido.

Diante de tudo isso, há quem considere a figura do educando como objeto a ser superado (15%) A24 diz que, o *“meu maior desafio é ensinar a quem não quer aprender”*, esse relato é muito comum presenciar no ambiente escolar, haja vista que nesse tempo a desmotivação, falta de concentração, incentivo, interesse são recorrentes, assim a A3 concluiu afirmando que, *“Enquanto futura pedagoga, o maior desafio é lidar com diferentes perfis ao longo de toda trajetória profissional. Alunos desinteressados, desmotivados, despreocupados, tímidos, distraídos, impacientes e pais que sejam ausentes no processo de vida escolar da criança”*.

Essa diversidade de situações problemáticas até compromete o desempenho do professor em sala de aula, pois precisa desenrolar um trabalho que sane ou pelo menos diminua os casos, na tentativa de proporcionar uma educação de qualidade.

Tendo em mente os aspectos discutidos, Tozetto (2009, p. 1045) afirma, o profissional da educação *“deve ter compreensão do conhecimento em suas múltiplas dimensões, capaz de construir seu pensamento e sua ação voltados às necessidades de seu cotidiano, rompendo com os muros da escola”*. E compreender que ação a pedagógica é buscar outras maneiras de ensinar, trabalhando com uma visão mais ampliada. Seu papel é levá-los há uma reflexão e discussão da realidade tendo como ponto de partida uma atitude contrária imposta sobre os educandos, caso não tenha essa postura continuará propagando alienação e o descomprometimento individual na busca por uma sociedade mais justa.

Considerando esses aspectos desse novo alunado mais complexo e diversificado, buscou-se relacionar essa clientela com a do passado, se com o passar do tempo no qual houve diversas mudanças na sociedade nos aspectos

tecnológicos, político, econômicos, sociais e educacionais. Como isso tem refletido na atuação do educador perante sala de aula. Assim, na segunda questão procurou-se saber: **Há diferença no exercício da docência nos dias atuais para os de antigamente?** No gráfico 4 encontra-se os dados dos colaboradores dessa pesquisa.

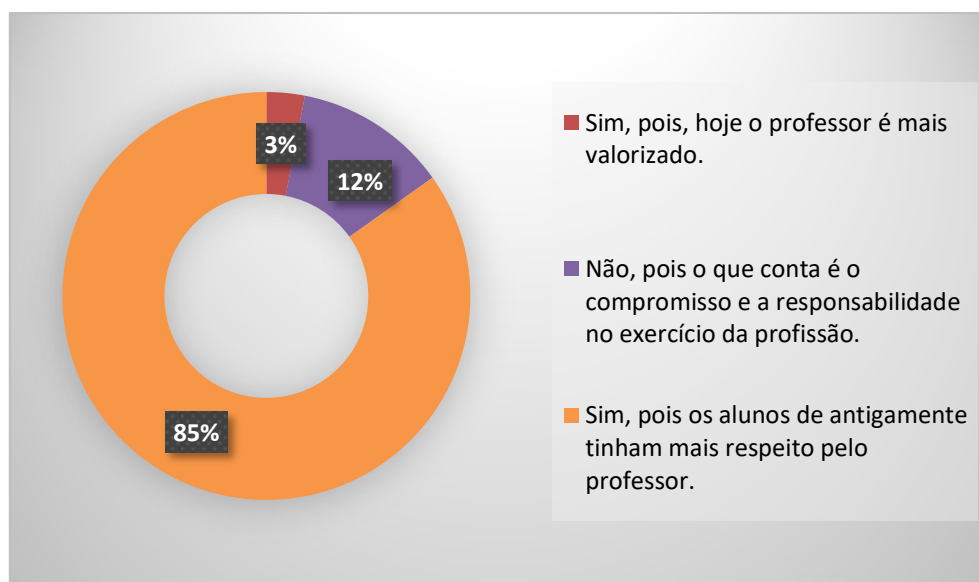


Gráfico 4. Diferenças entre prática docente atual com a antiga. Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

Evidentemente a maioria (85%) afirma que há uma disparidade entre o tempo passado e agora, pois antes os professores eram vistos como mestres havia uma valorização desse profissional. Também sua figura era central na transmissão do conhecimento, devido ao pouco acesso à informação e altos índices de alfabetismo no país. Vale ressaltar que a família apoiava o docente e tinha total confiança em seu trabalho, mas com o passar dos anos esse cenário mudou, e as relações estabelecidas entre professor-aluno também, o que vem sendo cada vez mais difícil do profissional executar sua função.

Alguns argumentaram que para um bom andamento do processo pedagógico é comprometimento com a profissão, conforme A26: *“Em alguns aspectos existe semelhanças, o ensino ainda continua tradicional, mas a questão da relação professor-aluno mudou bastante, pois o professor não é mais o único que possui o conhecimento”*. Percebe-se que mesmo com essas transições há ainda indícios do ensino tradicional nas escolas. Na verdade, a mudança mais aparente se refere à

postura dos educandos em relação ao docente, falta de respeito e violências são muitos comuns.

Ainda nesse pensamento, o A12 afirma que, há diferenças entre esses dois ensinamentos, mas que o que distingue é comprometimento e o domínio de conhecimento que o docente possui, pois para que se tenha uma educação de qualidade é preciso que o mesmo esteja vivenciando e possibilitando aos alunos novos aprendizados.

Sobre a temática, Martins e Duarte (2010) afirmam que, para superar essas dificuldades na educação básica, exige do docente o uso de estratégias para que estimulem nos educandos a ser tornarem indivíduos “participativos”, o que culminará em alunos como sujeitos de aprendizagem e consequentemente ocupará um lugar na sociedade como cidadão críticos e autônomos. Logo, essa disparidade se dar pela postura que o educando ocupa no ambiente escolar e não pelo exercício da docência.

Na tentativa de oferecer uma formação de qualidade aos futuros profissionais de educação há necessidade que se tenha conhecimento sobre os principais educadores e formadores de métodos de ensino significantes que deram uma contribuição relevante para educação. Nesse sentido indagou-se na 3ª pergunta se acadêmicos tinham sido contemplados com esses conhecimentos: **As disciplinas e atividades acadêmicas cursadas até o momento possibilitaram conhecer as propostas de estudos do Paulo Freire?** No gráfico 5 encontra-se os dados da pesquisa.

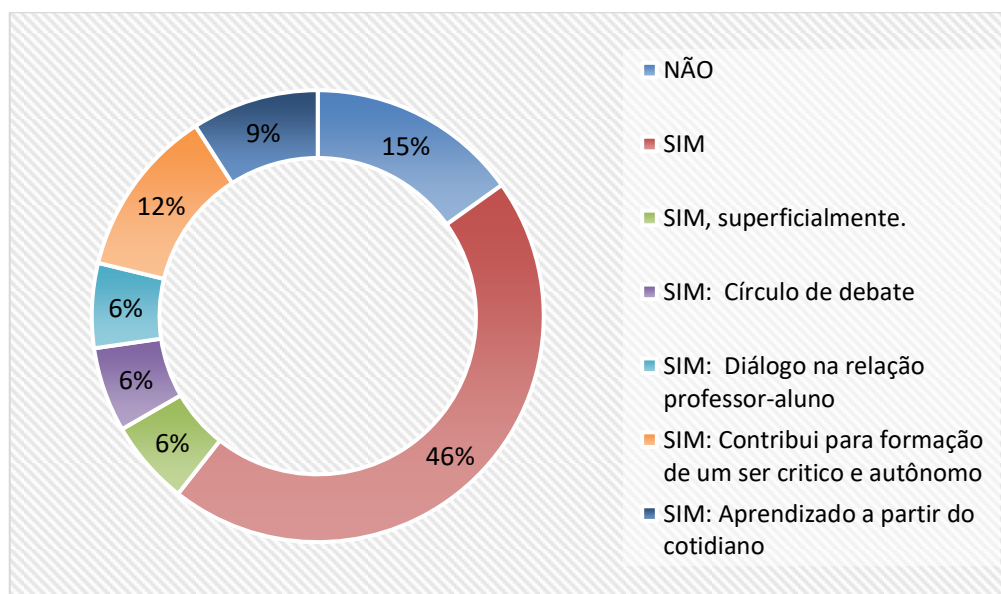


Gráfico 5. As disciplinas contemplaram as propostas de pedagógica de Paulo Freire? Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

Conforme se verifica no gráfico, 46% afirma que sim, que durante o curso foi possível inteirar das propostas pedagógicas estabelecidas por Paulo Freire durante sua trajetória de vida e ensino. Puderam conhecer que este educador destacava o educando como parte central de todo o processo educacional e professor tem a função de mediar esse conhecimento. Além disso, quebra paradigmas nos quais confronta com sua época por ultrapassar o método tradicional e possibilitar uma alfabetização mais rápida e significativa.

Considerando esses aspectos, o acadêmico teve o vislumbre de verificar que seu método foi de grande valia para alavancar a alfabetização no país o que modificou o ensino que até então estava estabelecido no Brasil, mas seu foi ganho muito satisfatório.

Fique evidente que alguns correlacionaram seu trabalho com aspectos de seu método, seja comentando sobre a importância do diálogo, de uma formação voltada para a criticidade e autonomia do educando, outros argumentaram sobre o conhecimento surgindo a partir das vivências dos alunos. Além do que, comentaram sobre os círculos de conversa muito utilizado por ele na Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos meados dos anos 80.

Por mais que se tenha tido o contato ou ouvido falar sobre ele na faculdade há quem reitera que foi de maneira sucinta sem deixar bem claro seu método e como utilizá-lo na prática educativa, o que demonstra uma falha no processo de formação dos futuros pedagogos sobre alguém que tanto colaborou para com os parâmetros da educação brasileira.

É interessante destacar que, 15% afirmaram não terem sido contemplados sobre a obra de Paulo Freire no Curso de Pedagogia ou foi insuficiente. Vale ressaltar que a entrevista também foi realizada com estudantes que ainda estão no quinto período do curso o que pode não ter estudado sobre os grandes educadores do mundo no qual Paulo Freire faz parte, devido á isso desconhecem sua obra e seu método.

Considerando os aspectos acima mencionados, segundo Scocuglia (1999, p. 38), “Freire defendia uma proposta de *educação ativa* em sintonia com a realidade e adequada ao desenvolvimento nacional e à democracia liberal. O processo educativo era tido como instrumento democrático”, sob esse viés nota-se que a proposta educativa desse educador proporcionou aos acadêmicos um norte do processo ensino-aprendizagem e noções da realidade da prática docente.

Como todo processo de formação existe um percalço que precisam ser vivenciados e vencidos, assim, o acadêmico nesse processo perpassar por várias etapas das quais tem-se um vislumbre do fazer pedagógico. Diante disso que tentou-se averiguar dos acadêmicos sobre o período de estágio, por isso no quarto item: **As aulas práticas (estágios) oferecidos pela grade curricular do curso de pedagogia são satisfatórias de forma que possibilite conhecer as diferentes metodologias utilizadas pelos professores no cotidiano escolar?** Conforme observa-se o resultado no gráfico 6.

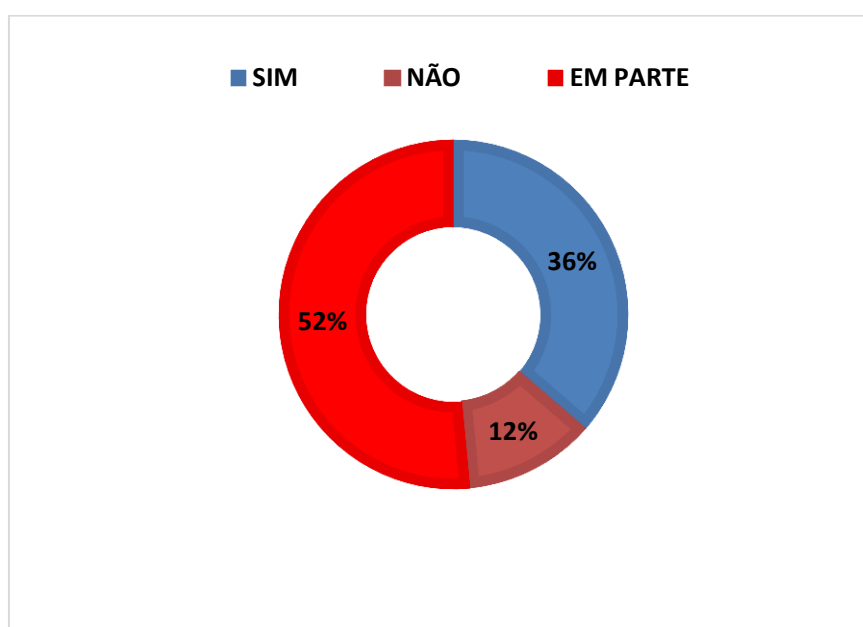


Gráfico 6. Os estágios possibilitaram conhecimento de diversas metodologias? Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

Há taxa bem expressiva (52%), ao relatar que em parte, o período de estágio contribuiu para a formação acadêmica, uns dos comentários relacionado com essa insatisfação são devidos à carga horária reduzida o que não proporcionar uma vivência completa do ambiente escolar. Outros 12% comentam que a escola e corpo docente não dão espaço para que o estagiário atue ou colabore com a prática pedagógica do docente, sua postura fica muito limitado o que não enriquece seu aprendizado como futuro pedagogo.

Outro fato a ser mencionado se dar por turmas de pedagogia que cursam no período diurno, logo, que quando vão a campo para cumprir as horas do estágio se dar na época das férias escolares assim não vivenciam o dia a dia do professor como ressalta o A18.

Observa-se ainda que outros consideraram esse momento satisfatório e que foi muito produtivo e transformador destacado por 36% dos acadêmicos. Entre os relatos indagam que nesse período puderam presenciar diversas metodologias adotadas pelos professores e cada um tenha uma maneira diferenciada de abordar os conteúdos.

Nesse sentido, o A 31 comenta que *“além de conceder conhecimentos enriquecedores nas práticas de estágios, abriu portas para que o acadêmico conhecesse a verdadeira realidade da prática”*. E o A10 afirma que *“possibilita-nos vivenciar na prática diversas metodologias aprendidas na faculdade”*. Esse momento é ímpar para formação acadêmica tendo em vista que os mesmos podem fazer um panorama na educação e qual o melhor método a ser aplicado em sala de aula para que assim possa oferecer aos seus alunos um ensino de qualidade.

Um dos fatos mais recorrentes por aqueles que não consideram a disciplina suficiente para ser ter uma formação mais adequada nesse período, por concluírem que as horas destinadas à essa disciplina é pouco, até sugerem que revisem essa questão, haja vista que à pratica é mais fundamental do que apenas a teoria.

Cabe ainda assinalar a deficiência do atual processo pedagógico desses cursos que não conseguem um mínimo de efetiva integração e de interdisciplinaridade que garantam a inter-relação das disciplinas metodológicas entre si e com as demais disciplinas de conteúdo. A grade curricular acaba fragmentária e dicotômica; ademais, não garante uma duração suficiente para maturação das atividades formadoras da docência. A permanência do futuro profissional no contato com as disciplinas pedagógicas, particularmente no caso das licenciaturas, é tão passageira que ele não pode mesmo desenvolver aí uma vivência formativa (BARBOSA, 2003, p.77).

Diante desse pressuposto, a autora faz séria críticas à grade curricular das licenciaturas no ensino superior, tendo em vista que esse ensino capacita profissionais para a função docente, assim, deve se levar em consideração a importância e relevância da profissão, caso não seja revisto isso se retratará negativamente na educação brasileira.

A partir dessa compreensão de que o fazer pedagógico adotado pelo professor expõe sua metodologia e qual o ganho dela para aprendizado dos educandos, dentre tantas teorias e tendências pedagógicas, há professores que se identificam com umas e outras não. Diante desse questionamento procurou-se investigar na questão quinta se **durante os estágios o acadêmico se deparou**

com professores que evidenciavam em suas práticas as propostas de Paulo Freire. A análise das respostas se encontra no gráfico 7.

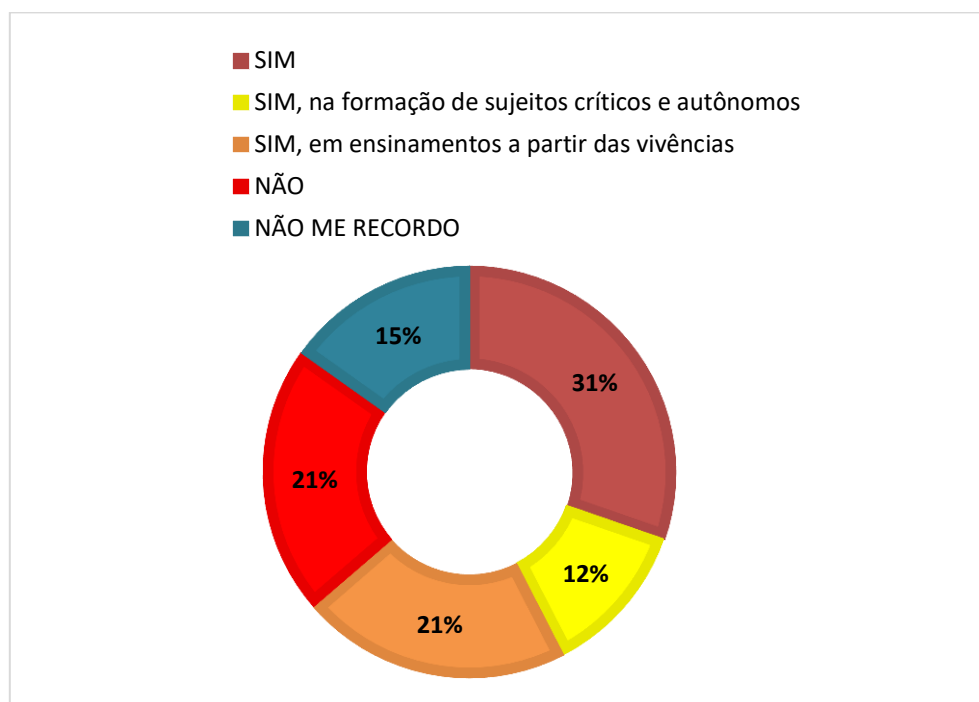


Gráfico 7. Proposta de Paulo Freire no período de estágio. Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

A priori, a maioria (31%) afirma que percebeu a proposta de Paulo Freire utilizada no espaço escolar, mostrando assim que sua metodologia ainda vigora no espaço escolar. É importante salientar que essa pedagogia está ancorada em diversos segmentos, o que permite o educador de usar todos ou/e alguns de suas didáticas em sua prática.

Sua contribuição para educação abrange aspectos muitos significativos o que possibilita os docentes utilizá-los de várias maneiras, segundo os relatos, os acadêmicos puderam identificar no ambiente escolar que professores utilizavam o diálogo em sala de aula, permitindo que o educando externasse suas opiniões e vivências enriquecendo a aula e contribuindo de maneira relevante a formação.

As assertivas expõem que com o emprego do método freireano pelos docentes possibilita que o mesmo possa à medida que tem conhecimento de mundo e de si, alcançar uma criticidade a respeito de assuntos recorrentes da atualidade e consequentemente exerce sua autonomia. Conforme A33 que afirma: *“Nestas evidências pude notar que o método de Paulo Freire é uma forma de liberdade de*

interação escolar entre professores e aluno. Neste contexto o aluno tem a liberdade para criticar e formular o seu ensinamento lógico sobre qualquer situação”.

Cabe ressaltar, que alguns não presenciaram ou não se recordam de observar se tal pedagogia era empregada pelos professores dos quais estagiou, não se sabe por não ter conhecimento por parte do educando sobre a proposta de Paulo Freire ou se realmente o professor não aplicava em suas aulas. Além disso, alguns mencionaram o que se ver ainda na maioria das escolas é um ensino ainda muito tradicionalista no qual a opinião e atitudes do educando são oprimidas.

Contrapondo o que comentado a cima, para Madche (1998 p. 72), “o diálogo é a verdadeira fonte do conhecimento! No qual não existem sabedores e não-sabedores, mas, comunicantes que contribuem ao diálogo com suas próprias experiências como conhecimento”, a partir dessa conversação enriquecedora os discentes tem a possibilidade de fomentar saberes.

Os anos de formação acadêmica permitiram que os acadêmicos se deparassem com as teorias sobre o que pedagogia abrange, as didáticas, métodos, seus campos de atuação, suas especificidades. Para essa tomada de consciência foi necessário questionar na sexta pergunta: **Você se sente preparado/apto para atuar nessa profissão?** No gráfico 8 encontra-se os relatos dos colaboradores dessa pesquisa.

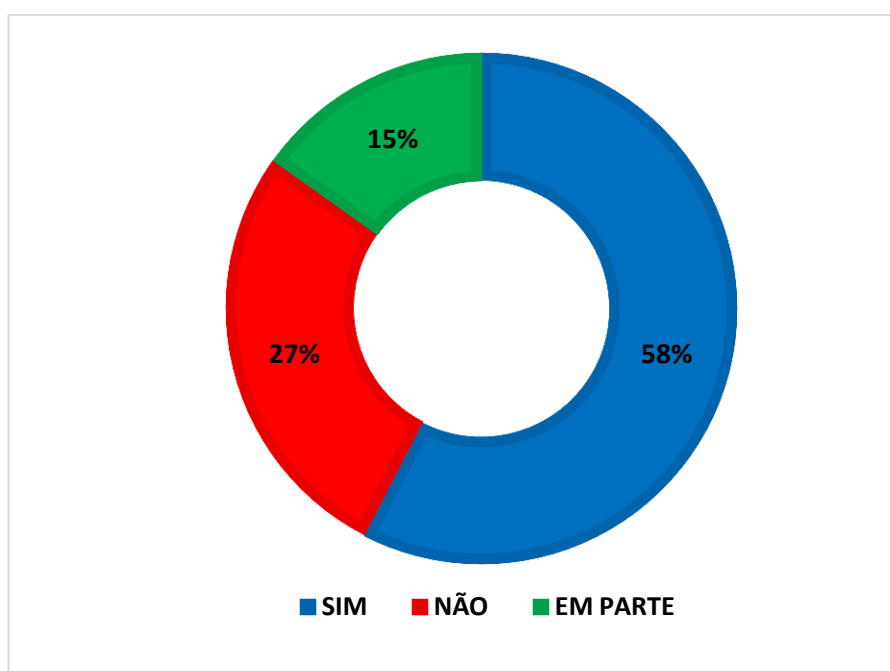


Gráfico 8. Sente-se preparado para o exercício da profissão? Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

Diante do exposto, 58% se sente capacitado para o exercício da docência, logo, mostra que o Curso de Pedagogia cumpriu o seu papel formador. De acordo com a A6: *“assim como precisamos de um preparo para encarar os desafios da vida, a faculdade nos preparou de maneira prazerosa, para que possamos transmitir conhecimentos e ensinar aqueles que estarão a nossa disposição”*. E o A5 conclui que os estágios deram um vislumbre do cotidiano escolar o que lhe permitiu se identificar com a futura profissão.

Outro fato relevante dessa pesquisa foi que colaboradores da pesquisa relatam que se sente prepara em parte (15%) em relação à profissão, como justificativa dessa assertiva o A14 diz: *“em parte, pois o trabalho do pedagogo é uma atividade que acontece constantemente e no decorrer desse processo que o professor vai moldando-se”*. Assim percebe-se que, as dificuldades vão surgindo durante as práticas e para melhorar o exercício requer do profissional uma formação continuada, atualizando sua metodologia de acordo com contemporaneidade.

Nessa abordagem ainda foi averiguado que 27% não se sente preparado, seja pela falta de experiências, os desafios da docência, por não se identificar com a docência e deseja explorar o campo que a pedagogia oferece. Para o A16 afirma que *“essa profissão é muito complexa, exige muita dedicação, aponto de até deixar família, ou seja, viver para a educação”*. Para A18 e A23 tem a mesma opinião de que a docência é cheia de dificuldades e desafios, tendo um cenário cada vez mais desafiador para esse profissional, sendo compreensível o seu desânimo pela educação.

Poucos são aqueles professores que reconhecem o real sentido da docência como profissão. Considerando que o profissional professor precisa ser dotado de técnicas, competências e saberes que lhes possibilitem segurança e autonomia na prática profissional, bem como, construção de suas identidades enquanto docentes observamos que um longo caminho ainda se faz necessário, posto que não apenas um grupo, mas todo o conjunto de professores precisa localizar-se nessa posição; precisa assumir-se profissional, consciente dessa função e das ações que a ela competem (SILVA; COSTA; ALBINO, 2013, p. 05).

A partir dessa compreensão, para que o professor tenha uma segurança em seu fazer pedagógico necessita de um aparato formativo que possibilite uma prática sustentada na eficiência e eficácia no processo de desenvolvimento do educando.

A educação na contemporaneidade necessita ser mais humanizada, em que o sujeito da educação seja o personagem principal desse aprendizado, permitindo que

trilhe seu caminho de acordo com suas habilidades e competências adquiridas durante o percurso, logo, o docente tem apenas a função de ser facilitador e mediador do processo.

Tendo isso em mente, questionou-se aos entrevistados sobre um educador peculiar que nos primeiros séculos da existência humana, foi primordial para fundamentar uma educação diferenciada e significativa para os seus ouvintes, assim, na questão sétima frisou: **Em sua opinião, quais as contribuições Jesus Cristo (personagem cristão) a partir de metáforas e parábolas, para formação de valores dos alunos do ensino fundamental?** Os resultados encontram-se no gráfico 9.

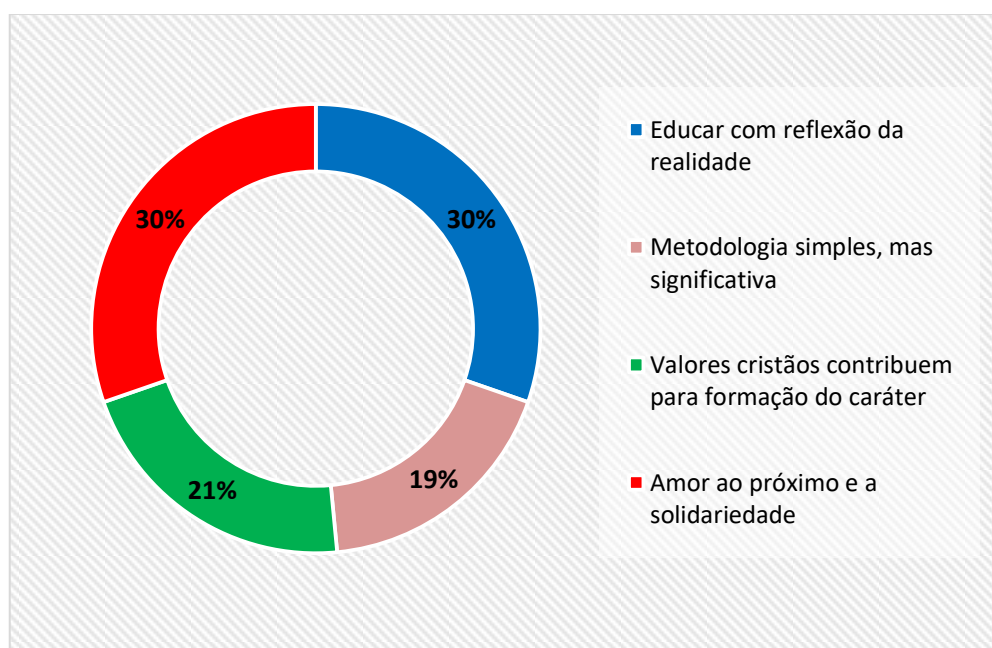


Gráfico 9. Contribuição de Jesus Cristo para prática docente. Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

Segundo os relatos da pesquisa, fica evidente que as principais contribuições de Jesus Cristo com o uso das parábolas/metáforas estar relacionado com o amor ao próximo e a prática da solidariedade entre as pessoas (30%), haja vista, que na atualidade as pessoas são individualistas e insensíveis, assim como a educação a partir de uma reflexão da realidade do sujeito, destacado também por 30% dos acadêmicos de Pedagogia.

Outro ponto abordado foi sobre como as parábolas e fábulas podem levar os educandos a uma reflexão e disposição na mudança de atitude, dando visibilidade para uma formação de caráter contextualizado na fraternidade, citado por 21% dos

entrevistados. Conforme A7: *“Jesus ao ensinar não utilizava muito recursos, pois ensinava com amor, ensinando por parábolas, podemos fazer isso como futuros profissionais”*. Cabe ainda destacar que os ensinamentos utilizados por ele, era uma figura de linguagem simples e do cotidiano dos ouvintes o que despertava para curiosidade e o encantamento.

Todo esse processo era embasado em uma metodologia simples, porém significativa que resultava em uma transformação da sociedade. Pois todo aquele que se confrontava com essa abordagem era impactado e o impulsionava no desejo de mudança. Dessa forma, para os colaboradores deste estudo (19%) assertiva que sua prática educativa foi muito eficaz em seu tempo que pode ser utilizada nas escolas hoje, tendo em vista que os casos de agressões (físicas, emocionais, verbais) são muito frequentes nas escolas, logo pode ser uma didática que possa auxiliar o professor no seu cotidiano para remediar esses casos e talvez mudar essa realidade. Com este enfoque o A 31 conclui que:

“Acredito que as parábolas só têm a contribuir para a realidade do cotidiano, de forma que enfatizam e faz com que o cidadão possa mudar de costumes e hábitos, acredita-se que através do embasamento da teoria de Jesus e na teoria do homem, pode sim fazer uma diferença na vida do indivíduo desde que ele faça uma análise do que está lendo voltado para a realidade dos ensinamentos que são direcionados para formação de valores. Sendo assim, os ensinamentos voltados ao que tange as parábolas contadas no ensino fundamental é de grande relevância, pois o aluno vai despertar o interesse pela leitura, aprender e entender o que está escrita em pequenas histórias”.

Para essa tomada de consciência é necessário questionar que a ação educativa precisa dar sentido, redefinir e oferecer a fundamentação na instrução dos sujeitos, não apenas nos aspectos descritivos e interpretativos, mas numa visão mais crítica, realista, projetiva do cotidiano do educando de acordo com Queiroz (2009).

Diante do que já foi exposto e sobre como o educador Jesus Cristo foi importante para sociedade educativa. O estudo ainda tenta descobrir as colaborações do método de Paulo Freire para educação brasileira. Nesse aspecto, a oitava alternativa da pesquisa indaga: **“Em sua opinião, quais as contribuições o educador Paulo Freire deixou para a prática docente?”**. As respostas dos dados da pesquisa se encontram no gráfico 10:

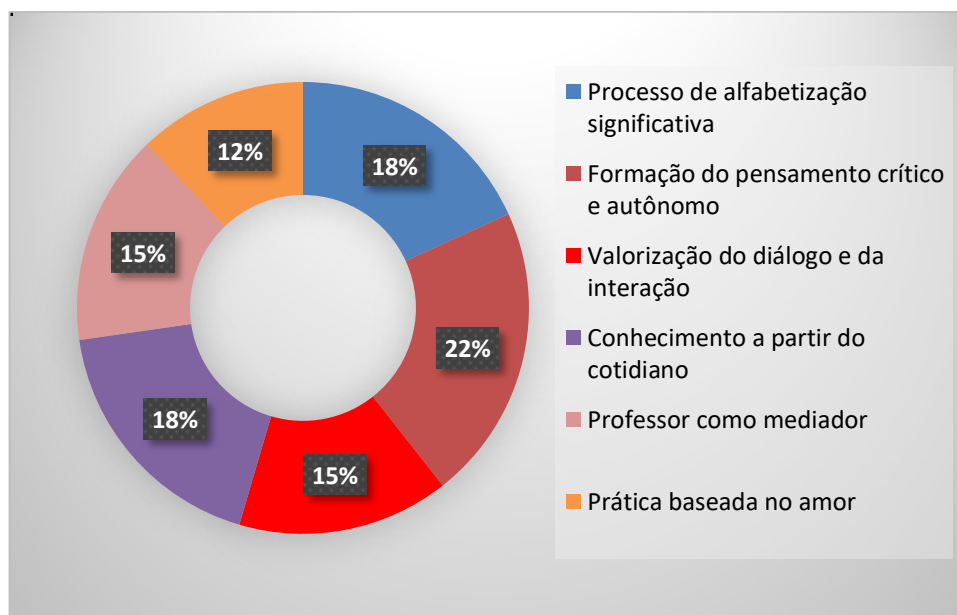


Gráfico 10. Contribuição de Paulo Freire para a prática docente. Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

De acordo com as concepções de Paulo Freire a respeito do papel da educação, é de oferecer subsídios aos educandos para que a partir do conhecimento possa abrir caminhos para novas perspectivas e desse modo ter uma visão de mundo. Assim, entre os dados percebe-se 22% dos entrevistados informa que prática freireana possibilita ao discente a aquisição de um pensamento crítico e autônomo.

Outros 18% destacaram que a pedagogia de Freire está voltada para a vivência do educando, dando ênfase ao seu conhecimento empírico e a partir dessa vertente explorar o conhecimento científico, dessa forma, alguns chegaram essa conclusão. Outro fato mencionado por (18%) foi o processo de alfabetização que utiliza o método de Paulo Freire de forma significativa, tendo em vista que o educando amplie seus horizontes e significados.

Semelhantemente como Jesus Cristo, Paulo Freire frisa uma educação baseado no amor (fraternal) do bom convívio com seus semelhantes, da solidariedade, das relações interpessoais saudáveis, segundo (12%) dos colaboradores da pesquisa. De fato, para que o ser humano consiga se desenvolver integralmente é preciso que tenha essa percepção de mundo, de si e de sua postura perante a sociedade.

Em minha opinião uma de suas contribuições que ajudou na prática docente foi a pedagogia libertadora, que tornou-se a educação como prática da liberdade onde, deixou de ser tradicional fazendo com que o docente tenha livre arbítrio de inovar suas práticas pedagógicas, tornando assim um profissional crítico e criativo na sua docência (Acadêmica 31).

Para essa tomada de consciência é necessário mencionar que se chegar há esse resultado um dos métodos mais eficazes é o diálogo. O que foi constatado na pesquisa no qual afirma que seu método se diferencia por dar ênfase na prática do diálogo em sala de aula (15%), em que o aluno passa a ser mais participativo do que apenas ouvinte. Assim, A3 afirma: *“Paulo Freire nos influencia a valorizar o diálogo e a interação de modo que o educando se liberte e a aprendizagem venha de suas experiências”*. Essa dialogicidade estabelecida no ambiente escolar possibilita uma interação social mais produtiva que refletira no ganho intelectual.

Tendo em mente os aspectos já discutidos pode-se mencionar que as contribuições de Paulo Freire para prática do professor com intuito de se qualificar e aprimorar seu desempenho educacional, deve estar voltado para racionalidade marcada pela solidariedade, ética, diminuição das desigualdades, pelas escolhas individuais e coletivas, pelo respeito às diferenças (SCOCUGLIA, 1999).

Considerando esses aspectos já citados sobre os educadores, na tentativa de encontrar respostas sobre a influência deles na prática docente atual, ainda nesse viés tentou-se saber na questão nona: **Em sua opinião acadêmica, a pedagogia de Paulo Freire tem influência na prática pedagógica do professor da educação básica?** Os dados dos colaboradores da pesquisa se encontra no gráfico 11.

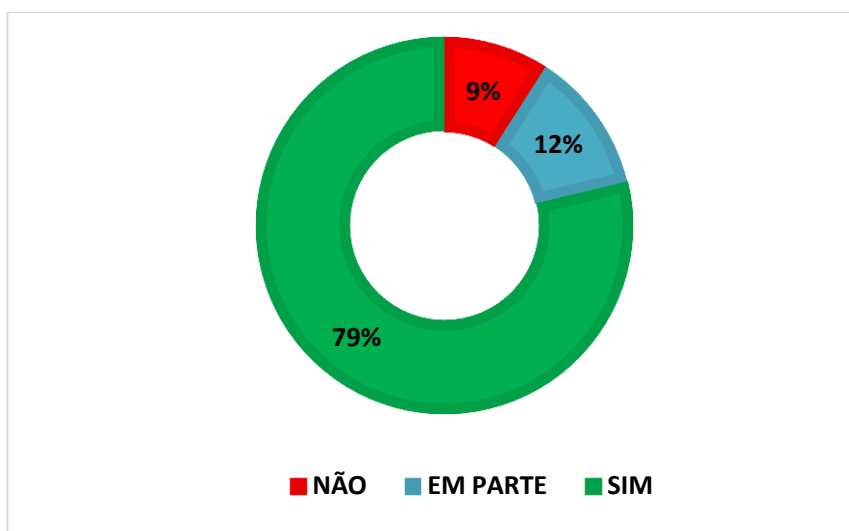


Gráfico 11. Influência da Pedagogia de Paulo Freire na educação básica. Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2019).

Dentre os entrevistados, 79% afirma que há influência do método de Paulo Freire na educação básica. O que demonstra que as políticas públicas vigentes consideram seu método ultrapassado e monótono há quem afirme que é muito propício para esse momento. Conforme o acadêmico 31, “Freire pontuava que sempre deveríamos nos dedicar a construção de nossos conhecimentos e jamais desistir, sendo assim faz-se necessário entender que a educação básica e seus conhecimentos influenciam na prática de modo efetivo em todo processo educativo” (Acadêmico 31).

Considerando as situações divergentes que a sociedade tem passado, a falta de respeito em relação ao próximo (professor), violência, salários irrisórios. Falta de incentivo, desvalorização da profissão, são alguns dos problemas vigentes, o que impulsiona para uma educação mais humana. Há quem considere que em parte puderam notar no ambiente escolar a pedagogia de Freire, pois não alguns professores não sabem ou não utilizam no seu fazer pedagógico.

Quem quiser reformar a educação, não pode evitar de ter que ocupa-se criticamente com a ciência e sua influência sobre o homem, a sociedade e o mundo restante. A ciência é, para Freire, a sistematização consciente do conhecimento, que se desenvolve a partir de reflexão sobre a teoria e prática, isto é, da interdependência entre o homem e a natureza e do esforço de encontrar soluções para as tarefas e problemas presentes nessa interdependência (MADCHE, 1998, p. 84).

Diante dessa prerrogativa, fica evidente para bom desempenho de sua função o profissional de educação, além de constante está se preparando para o seu exercício, tem que seguir os aspectos de ação-reflexão-ação, só assim poderá analisar se sua prática está sendo válida para o aprendizado dos alunos.

3.4 SUGESTÕES

Para que os alunos possam ter melhor visão da prática docente e quais os desafios que serão enfrentados em sua profissão, o ideal seria o Curso de Pedagogia ampliar a carga horária de aulas práticas (estágios) para que o acadêmico tenha uma noção mais ampliada de sua futura profissão.

A formação dos professores deve abranger um leque de habilidades e competências que irá contribuir com a profissionalização do professor em sua

prática, além do que, essa formação deve privilegiar a preparação do professor no cotidiano escolar, devendo ter um vínculo com as vivências presenciadas na escola.

Nota-se que diante da pesquisa que, os acadêmicos entrevistados que são concluintes (8º período) do curso de pedagogia, não têm um real entendimento sobre as tendências pedagógicas e nem sobre os principais educadores influentes, uma vez que são formandos. Isto evidencia uma necessidade de que se priorize para essa formação, tendo em vista que o pedagogo precisar estar a par dessas tendências, tanto para usá-las ou inová-las em seu fazer pedagógico.

Desse modo, sente-se a necessidade da promoção de eventos acadêmicos e culturais voltados à temática da Pedagogia freireana, assim como dos profissionais pedagogos buscarem atualização constante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato docente estar imerso a desafios e complexidade que exige do profissional um constante preparo. No espaço escolar há multidiversidade e pluralidade de alunos, logo, o docente tem que levar em consideração suas particularidades e espaço/tempo de aprendizagem, para que possa melhor atender e suprir as suas necessidades, por isso a formação tem que ser contínua e de acordo com as tecnologias e novidades do momento. Cabe mencionar que sua prática deve ser ação/reflexão/ação, pois percebe-se que cada educando tem uma maneira própria de melhor assimilar os conteúdos e o professor precisa ser criativo, autônomo e perspicaz no fazer pedagógico.

O profissional de educação precisa ser muito bem instruído e habilitado para sua função, logo, faz jus que em seu período de formação auferir os subsídios suficientes para aplicar no ambiente de trabalho, há necessidade de repensar um currículo que leve em consideração a formação problematizadora, promovendo um profissional crítico e ciente de suas ações frente à formação e transformação do ser humano.

No que se refere os desafios enfrentados pelos professores pode se relacionar diversos problemas, como a falta de recursos didáticos; infraestrutura; baixos rendimentos; carga horária excessiva (extraescolar); desmotivação; agressões (físicas, emocionais e verbais) dos alunos em relação ao professor, essas e outras que desestimulam o docente em relação a profissão. Ademais, os índices de síndrome *Burnout* (estresse excessivo) se dar por ter que superar esses desafios e também pela necessidade do educador estar constantemente na busca da capacitação para se adequar à realidade dos avanços tecnológicos.

Como fonte de pesquisa na tentativa de buscar meio viável que melhor contribuísse para uma prática educativa mais significativa e relevante para o campo educacional atual, analisar vida e obra desses dois educadores que muito contribuiu nos aspectos educacionais. Ao mencionar Jesus Cristo como um educador (sem ser apenas um personagem cristão) depara-se com um mestre que tinha a habilidade de prender atenção das pessoas somente pelo seu discurso, a maneira clara e precisa. Era um exímio perguntador/questionador provocando os seus discípulos analisarem o conhecimento e buscar soluções para as situações problemas, além disso,

permitia que seus ouvintes pudessem se inteirar do saber de forma harmônica e envolvente.

Vale destacar também outro intelectual que configurou a educação brasileira em sua época trazendo uma nova significância nos quais os parâmetros curriculares do país ainda estão fundamentados em sua pedagogia. Paulo Freire foi um inovar e transformador do processo de alfabetização do país, foi um grande revolucionário, trazendo meios viáveis e eficazes para solucionar um fato muito alarmante no Brasil o (analfabetismo). De fato, seu método tinha como objetivo conscientizar as pessoas do seu papel na sociedade por meio da educação entendendo que ela quebra paradigmas e exterioriza as ações opressoras permitindo a recuperação de sua humanidade.

Diante de tudo que já foi exposto e averiguado a partir do trabalho, nota-se que Paulo Freire exerce muita influência sobre a educação no país, o que é muito relevante, considerando que é compatriota e conceituado no exterior, deve-se valorizar o método desenvolvido e que foi de grande valia para o processo educacional. Assim, a forma que Jesus Cristo usava com metáfora e fábulas era um método eficaz que levava as pessoas à reflexão e transformação de atitude, depois desse choque de realidade. Portanto, o professor que pretender trazer um pensamento crítico, autônomo e independente aos seus discentes pode estar usando essa didática em sala de aula.

Confrontar as pedagogias desses educadores, permite perceber vários indícios da semelhança estabelecida entre ambos. Defendem o ser humano como personagem principal no processo educativo. Afirmam que só por meio do conhecer a pessoa se torna livre e crítica diante das realidades impostas, só assim é capaz de ampliar seu campo de visão e tomar decisões sábias. Além disso, privilegiam o saber nato de cada ser e exploram por meio de questionamentos e situações-problemas na tentativa de estimular/estabelecer a arte de pensar nos seus ouvintes.

Ambos são exemplos de mestres, pois tem como prerrogativa o questionamento, problematização e habilidade de persuadir as pessoas. Para que isso ocorra de maneira satisfatória o diálogo e autonomia são fundamentais nessa aquisição de conhecimento. Esclarecem ainda que a relação professor-aluno só pode ser saudável se no fazer pedagógico, for uma educação humanizada baseada no comprometimento com o trabalho profissional.

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduino Antonio. **Emotividade Versus Razão: Por Uma Pedagogia Do Coração**. Porto Alegre, UFRGS, 2018, 209 p.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006, 328p.

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. **Formação de Educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo. Editora UNESP, 2003, 504p.

BASTOS, Paulo Roberto da Silva. Jesus de Nazaré e a Palestina do seu Tempo: Uma Análise do Jesus Histórico em Relação à Opressão Econômica, Social e Política. **CES Revista**, v. 23..., 2009, p. 103-113. Disponível em: https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2009/HIST2009_jesus_nazare_p_alestina.pdf. Acesso em: 27 de jan 2019.

BÍBLIA, Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada, 2ª ed. 1988, 1993. Barueri-SP: **Sociedade Bíblica do Brasil**, 2012. 1280p.

BRASIL. MEC. **Proposta para Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docm>. Acesso em: 01 maio 2019.

BRASIL. Decreto nº 3.048, de 06 de maio de 1999. **Aprova o regulamento da Previdência Social, e dá outras providências**. Brasília-DF, 7 maio 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3048.htm. Acesso em: 28 out. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Mec/Secretaria de Educação, 2018.

BRASIL, **Lei nº 9.394, de 20 de dez de 1996 - LDB**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, dez 1996.

CRACCO, Claudia Lucimara Andrade Cavalcante; SALVADOR, Juliana dos Anjos. **Identificação da Síndrome de Burnout na Equipe de Enfermagem de uma Unidade de Pronto Atendimento**. UNISALESIANO, Lins, SP, 2010, 59p.

CURY, Augusto. **Ansiedade, como enfrentar o mal do Século: A Síndrome do Pensamento Acelerado**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014, 160p.

CURY, Augusto. **O Mestre dos mestres, Jesus, o maior educador da história**. Rio de Janeiro; Sextante, 2012. ed. Popular. 160p.

CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante. 2003, 176p.

DULLO, Eduardo. O Testemunho e a Pedagogia Católica. A ação histórica contra o fatalismo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)** - VOL. 29 N° 85, junho 2014.

ENRICONE, Dêlcia. O Professor e as Inovações. In: ENRICONE, Dêlcia. **Ser Professor**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. Pp 41-56.

EMMERICH, Adauto Oliveira; FAGUNDES, Daniely Quintao. **Paulo Freire E Saúde: Revisitando “Velhos” Escritos para uma Saúde do Futuro**. Sau. & Transf. Soc., ISSN 2178-7085, Florianópolis, v.6, n.2, p.01-08, 2016.

FARIA, Elaine Turk. O Professor e as Novas Tecnologias. pp. 57-72. In: ENRICONE, Dêlcia (Org.). **Ser Professor**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FERNANDES, Ivoni de Souza. **A ação educativa de Jesus: Ensino para todas as gerações**. 2001 108f. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001. Disp. em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_GO_378c9ecc07d223b3fb54a9602397f7d7. Acesso em: 17 de fev 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Paz e Terra S.A. Rio de Janeiro. 14º edição, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora EGA, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Paz e Terra S.A, Rio de Janeiro, Coleção Educação e Comunicação vol.1, ed. 20º, 1979.

FREIRE, Ana Maria Araújo Freire. A Voz da Esposa: Trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI, Moacir (Org.). **PAULO FREIRE: Uma biobibliografia**. Cortez Editora. São Paulo-SP, 1996. 740p.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

GRILLO, Marlene. O Professor e a Docência: O Encontro com o Aluno. pp. 73-86. In: ENRICONE, Dêlcia. **Ser Professor**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 16) 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. 128p.

GOUVÊA, Leda Aparecida Vanelli Nabuco de. As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical. **Saúde Debate**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 206-219, Out-Dez, 2016.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?: Pra uma Pedagogia da Pedagogia**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995, 213p.

MADCHE, Flávia C. **Abrindo perspectivas: a intersubjetividade na pedagogia de Paulo Freire**. Porto Alegre: Da Casa, 1998, 148p.

MARQUES, Jorge Manuel dos Santos. **A Violência Escolar o Papel das Famílias à Luz do Direito**. Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) Lisboa, 2014, 254p.

MARTINS, Lígia Márcia; DUARTE, Newton (orgs.). **Formação de Professores; Limites Contemporâneos e Alternativas Necessárias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, 194 p.

MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico emancipatório. **Proposições**. v. 25, n. 3 (75), p. 45-62, set./dez. 2014.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: Reinventando o Ensinar e o Aprender**. Porto Alegre: Mediação, 1996, 195 p.

MORAES, Moacir Elias de. **Síndrome de Bournout tem Professores de escolas municipais do interior de São Paulo**. Lins, 2016. 78p.

MORETTO, Marcos Antonio Palermo. **A leitura na prática do professor reflexivo**. São Paulo: Espaço Editorial, 2006, p. 155.

PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus; o mestre por excelência**. Tradução do Rev. Waldemar W. Wey. 3ª edição. Rio de Janeiro, RJ – JUERP, 1980.

PEDROSA, Patrícia Aparecida. **Desejabilidade Educativa e Aprendizagem**: Desafios num Cenário Social e Escolar em Metamorfose. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV, 2015. 122p.

QUEIROZ, Daniela Moura. **A Dimensão Pedagógica da Religião: da pedagogia de Jesus à pedagogia cristã em tempos da sociedade secularizada**. Universidade Católica de Pernambuco, 2009, 92p.

REIS, Pollyanna Júnia Fernandes Maia. **Paulo freire – análise de uma história de vida**. UFSJ, 2012, 199p. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/mestletras/PRINCIPAL/Pollyanna.pdf>. Acesso em: 05 de nov 2019.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A História das Ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. / Afonso Celso Scocuglia. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 1999 (2ª edição). 205 p.

SILVA, Camila Carla R. da; COSTA, Brunna Crislayne Câmara da; ALBINO, Giovana Gomes. **Docência: Conhecimentos Necessários ao Exercício da Profissão**. Atas do IX ENPEC, Águas de Lindóia, São Paulo, 2013. Disponível. em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0825-1.pdf>. Acesso em: 04 de ago 2019.

SILVA, Darci Donizetti. **A Pedagogia Libertadora das Parábolas de Jesus**: Uma leitura à luz do Método Freireano. PUC/SP 2006, 130p.

SILVA, Leila Vaz da; HONÓRIO, Luiz Carlos. **Síndrome de *Bournout*: Questões Contemporâneas no Cotidiano de Professores que Lecionam em Escolas Públicas de Periferia**. Repositório UFPB, João Pessoa-PB, 2011,17 p.

STRIEDER, Roque. **Educar para a Iniciativa e a Solidariedade**. 2 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. 368 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 325.

TOZETTO, Susana Soares. A Formação Docente no Processo de Alfabetização. **EDUCERE**. PUCPR. 2009, 1044-1058p.

WHITE, Ellen G. **Vida de Jesus**. Tradução Sônia Maria M. Gazeta. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012, 144p.

YOSHIDA, Soraia. Base Docente: conheça os 10 princípios para formação de Professores. **Revista Nova Escola**. 13 de dez 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/14564/base-docente-conheca-os-10-principiospara-formacao-de-professores>. Acesso em: 30 de jun 2019.

ZAMPOLI, Geni Bonatto; PEINADO, Maria Rita Sefrian De Souza. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor Pde: Família na Escola**. Versão On-line ISBN 978-85-8015-076-6 Cadernos PDE, Paraná, 2013.

APÊNDICE –
QUESTIONÁRIO AOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA DA FAI

*Prezado (a) colega acadêmico (a), sou JOICE SANTOS MOREIRA RODRIGUES, concluinte do **Curso de Pedagogia**. Necessito de sua colaboração e sinceridade no preenchimento deste questionário, cuja finalidade é obter subsídios que proporcione condições de desenvolver minha monografia de graduação que se propõe a analisar as contribuições da educação freireana e dos ensinamentos cristãos na prática pedagógica dos professores da educação básica, no sentido de reconhecer a influência da forma de ensinar de Paulo Freire e de Jesus Cristo na ação docente atual.*

I. Identificação:

Idade: _____ anos. Sexo: () F () M
Semestre: _____ Exerce a docência? () SIM () NÃO

II. Questões:

1. O que você considera como seu maior desafio como futuro pedagogo?

2. Em sua opinião, há diferença no exercício da docência nos dias atuais para os de antigamente?

() Sim, pois os alunos de antigamente tinham mais respeito pelo professor.
() Sim, pois, hoje o professor é mais valorizado.
() Não, pois o conta é o compromisso e a responsabilidade no exercício da profissão.
Outra. Qual? _____

3. O Curso escolhido e cursado contempla disciplinas/atividades acadêmicas que possibilitam estudar/conhecer as formas didáticas do educador Paulo Freire?

4. As aulas práticas (estágios) oferecidas pela grade curricular do curso são satisfatórias de forma que possibilite conhecer as diferentes metodologias utilizadas pelos professores no cotidiano escolar?

() SIM () NÃO () EM PARTE
Justifique. _____

5. A introdução da prática reflexiva na formação inicial propicia aos professores conhecimentos, habilidades e atitudes, que os tornam profissionais com capacidade de refletir sobre a prática pedagógica. **Durante os estágios** (ou de acordo com sua experiência acadêmica ou até profissional), você se deparou com professores que evidenciavam as formas didáticas de atuar propostas por Paulo Freire?

6. Sabendo que o professor deve trabalhar estruturando ações coletivas para que a escola cumpra a sua finalidade na luta pela transformação social, você se sente preparado/apto atuar nessa profissão?

7. Para Saviani (2008, p. 154), a realidade da escola deve ser vista como eixo do processo formativo “[...] dos novos educadores, porque, na sociedade atual, a escola se tornou a forma principal e dominante de educação a partir da qual as demais formas são aferidas”. Em sua opinião, **quais as contribuições de Jesus Cristo (personagem do Cristianismo) para a formação de valores dos alunos do ensino fundamental?**

8. Segundo Freire (1996), **somente pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem, que se pode melhorar a próxima prática.** O pedagogo deve partir da análise de sua própria prática, para ter a possibilidade de tornar-se um profissional reflexivo de forma a contribuir com a aprendizagem dos alunos. Desse modo, pergunta-se: **Em sua opinião, quais as contribuições que o educador Paulo Freire deixou para a prática docente?**

9. Em sua opinião acadêmica, a Pedagogia de Paulo Freire tem influência na prática pedagógica do professor da educação básica?

Agradecemos sua colaboração nesta pesquisa!